



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

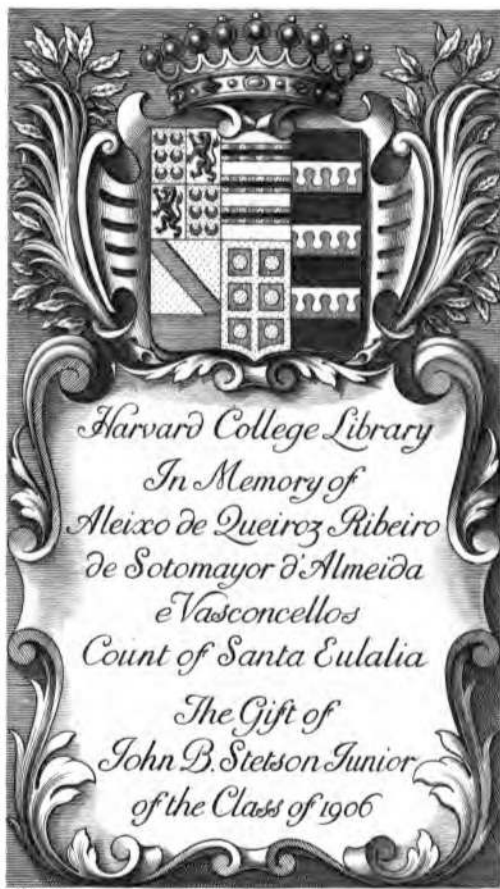
WIDENER



HN ZJFV B



Port 6351.1.87







62

SAGYAMOR



Sagramor

DO AUCTOR

POESIA

OARISTOS (1890). *Esg.*

HORAS (1891). *Esg.*

SYLVA (1894).

INTERLUNIO (1894).

TIRESIAS (1895).

No prelo

OARISTOS, 2.^a edição.

PROSA

BELKISS (1894).

EUGENIO DE CASTRÓ

SAGRAMOR

POEMA



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

141—Rua Ferreira Borges—143

—
1895

Part 6351.1.87

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
JUN 23 1924

Tiragem especial de dois exemplares numerados: um em papel das manufacturas imperiaes do Japão (n.º 1) e outro em papel Whatman (n.º 2).

Lasciate ogni speranza voi che 'ntrate.

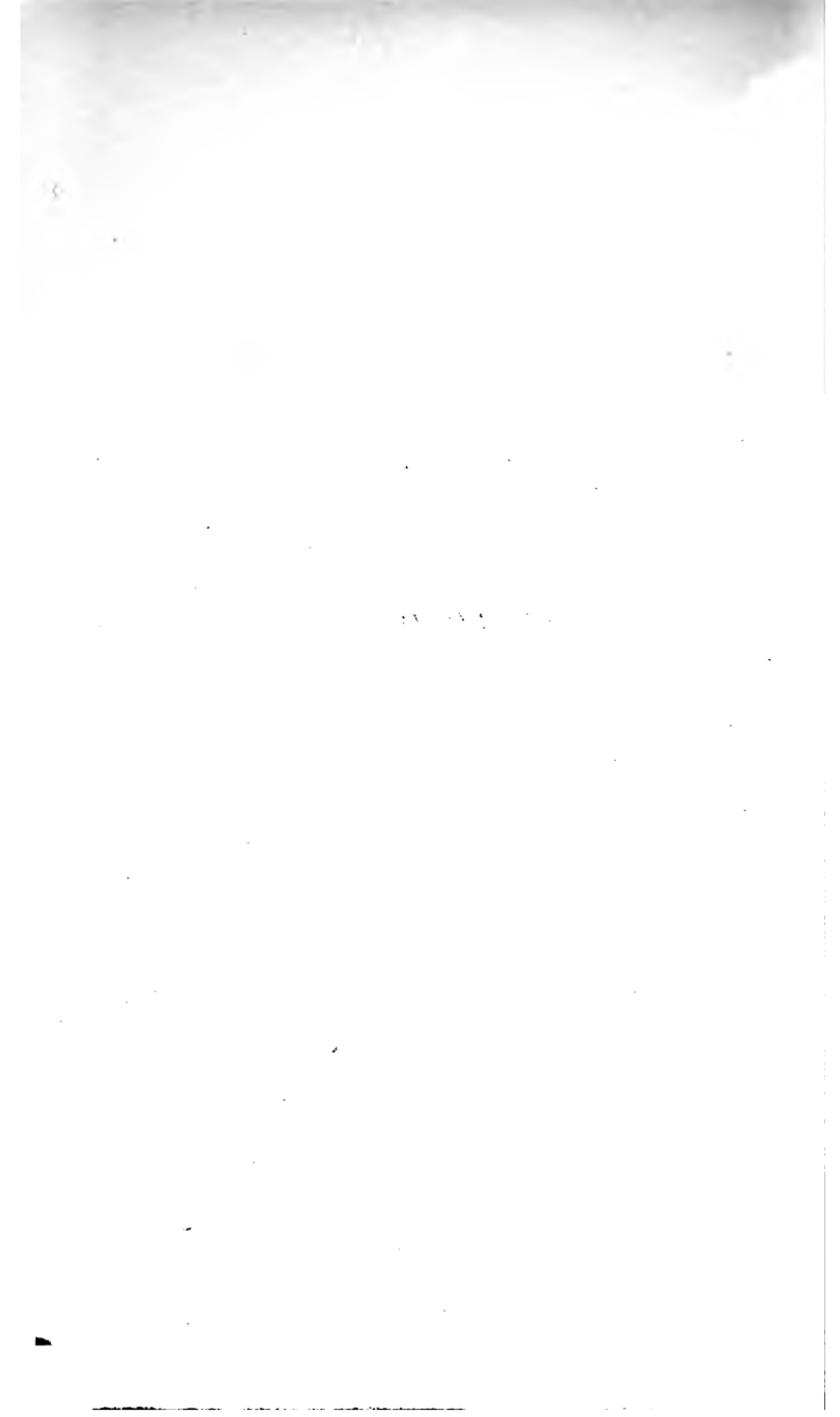
DANTE.

L'étoile fuit toujours, ils lui courent après;
Et le matin venu, la lueur poursuivie,
Quand ils la vont saisir, s'éteint dans un marais.

THÉOPHILE GAUTIER.



PROLOGO



Manhã d'abril. Sentado á beira d'uma fonte, Sagramor, pastorinho d'olhos candidos, tange com innocencia a sua fruta. As ovelhas e os cordeiros pastam nas relvas adolescentes. Subito, juncto de Sagramor, apparece uma Rainha de prodigiosa belleza.

A RAINHA

Bons dias, amigo...

SAGRAMOR

Bons dias, Senhora...

A RAINHA

Passando, ha pouco, n'aquelle outeiro, fiquei maravilhada com a doçura da tua fruta. Onde a encontraste? É de certo uma fruta encantada que algum Seraphim deixou cair do ceo...

SAGRAMOR

Estaes enganada, Senhora... Esta fruta fil-a eu d'uma canna secca.

A RAINHA

N'esse caso, se o encanto da musica provem do sópro e não do instrumento, serias capaz de vencer o proprio Marsyas, que alcançou a fruta de Minerva.

Dando-lhe uma linda fruta de crystal :

Toma! Se com uma fruta rude fazes pasmar os mortaes,
com esta farás desmaiar os anjos.

Maravilhado, Sagramor recebe a fruta e
põe-se a tangel-a.

Bravo! Bravo! meu amigo. És um artista incomparavel!
Ah!... mas agora reparo... um artista como tu, embrulhado
n'um gibão tão esfarrapado!

Dando-lhe um sumptuoso manto de veludo verde, bordado a prata :

Despe o teu gibão, amigo, despe o teu gibão e embrulha-te
n'este manto...

SAGRAMOR, embrulhando-se no manto, depois de o ter examinado admirativamente :

Mas quem sois vós, Senhora, quem sois vós?

A RAINHA

Sabel-o-ás em breve .. Primeiro, é necessario premiar esses
dedos que tão bem sabem correr pela fruta.

Tomando as mãos de Sagramor, enche-lhe os dedos de magníficos aneis.

SAGRAMOR, mirando os dedos, cada vez mais admirado:

Mas quem sois vós, Senhora?

A RAINHA

Socéga, em breve saberás quem sou... Agora quero que este
rebanho se torne digno do pastor.

Approximando-se do rebanho, acaricia com as suas mãos prateadas as rezes doces, cujos chavelhos começam a brilhar como se fossem d'oiro fino. Em seguida substitue os chocalhos de cobre por fios de perolas d'onde pendem guisos argenteos,

SAGRAMOR

Mas, por piedade, quem sois?

A RAINHA

Tens medo de mim? Tranquillisa-te... Um dia saberás o meu nome... Dize-me cá, quantos annos tens?

SAGRAMOR

Não sei...

A RAINHA

E não tens desejos?

SAGRAMOR

Não sei o que são desejos...

A RAINHA

É singular! Que paizes tens percorrido?

SAGRAMOR

Nunca saí d'este valle...

A RAINHA

E amores?... quantos amores tens tido? Muitos... não é verdade?

SAGRAMOR

Não sei o que são amores...

A RAINHA

Pois quê, não gostas de fitar, demoradamente, as lindas pastoras que por aqui passam, e não as segues com os olhos encantados quando ellas se affastam?

SAGRAMOR

Por aqui não passam pastoras...

A RAINHA

Mas, se não passam pastoras, hão-de passar outras raparigas...

SAGRAMOR

Por aqui não passa ninguém...

A RAINHA

Quantas pessoas conheces?

SAGRAMOR

A unica pessoa que conheço é minha mãe, que mora acolá, no alto d'aquelle monte... D'antes, vinha visitar-me todos os dias... mas, ha pouco, adoeceu... e desde então só a vejo de longe, porque eu não posso deixar o rebanho e ella não pode sair de casa...

A RAINHA

Muito bem, meu amigo! É preciso que abandones immediatamente esta solidão...

SAGRAMOR

Quem? eu?... sair d'aqui?... deixar o meu rebanho?

A RAINHA

Sim, tu! Um artista de tão grande genio não deve estar escondido n'este ermo, como um thesoiro no fundo do mar. É preciso que o teu talento illumine e deslumbre as multidões, que conheças e saboreies a vida, que experimentes todos os prazeres: o amor, o vinho, a agitação das cidades, o esplendor das festas, a gloria e a opulencia... Vem comigo! Terás tudo, todas as delicias que appeteceres!

SAGRAMOR

E minha mãe? e o meu rebanho?

A RAINHA

Não te apoquentes : velarei por tua mãe e pelo teu rebanho...

SAGRAMOR

Não... não quero ir... quero ficar aqui...

A RAINHA

Tontinho! Não hesites, vem d'ahi... Para te chamarem, as mais lindas princezas hão-de escolher lindos nomes d'aves e de flores, hão-de acariciar-te com as suas mãos de seda, engrinaldar-te com os seus braços macios e balsamicos e vestir-te com o oiro molle das suas cabelleiras...

SAGRAMOR

Não... não quero ir...

A RAINHA

Os teus passos deslisarão sobre rosas desfolhadas, beberás por copos d'ouro, serás aclamado como um deus...

SAGRAMOR

Não... não quero ir...

A RAINHA

Terás palacios e jardins, adormecerás em leitos de plumas, ao som de musicas suavissimas...

SAGRAMOR

Não... não quero ir...

A RAINHA

Desconfias de mim?

Beija-o, voluptuosa e demoradamente,
na bocca.

SAGRAMOR

Oh! basta! basta! por piedade! não me beijeis assim!

Como que despertando:

Mas o que foi isto? Onde estou eu? Esta paisagem não é a mesma... Oh! como este valle é estreito! Nunca me pareceu tão estreito... Dizei-me: para alem d'aquelles montes ha outras paisagens, não é verdade? E são lindas essas paisagens? Quem me dera vel-as!

A RAINHA

Vem commigo. Verás todas as lindas coisas que ha para alem d'aquelles montes...

SAGRAMOR

Pois sim! Pois sim! Levae-me comvosco!

A RAINHA

Vamos!

SAGRAMOR

Mas... E minha mãe? e o meu rebanho?

A RAINHA

Podes vir descançado: nada lhes faltará. Vamos!

SAGRAMOR

Estou prompto, senhora...

Põem-se a caminho.

UMA FONTE, cantando ao longe:

O oiro vive contente
Na sua rocha natal,
Mas soffre, chora e suspira
Se o fazem c'roa real.

Para ser c'roa de rei
Deve o oiro ter soffrido:
Primeiro é lançado ao fogo,
Depois do fogo é batido.

SAGRAMOR, parado a ouvir:
Não ouvís aquella fonte a cantar ?

UMA ARVORE

Teu coração vae casar
Com a velha e feia Dor...
Desfaz esse casamento,
Não te cases, Sagramor...

SAGRAMOR

Ouvís ? Dizem-me que fique, que não vá contigo... Não vês
as arvores chamando-me com as suas mãos verdes ?

A RAINHA

Pois não vês que são umas invejosas que te dizem que fiques
porque não podem acompanhar-te ? Vamos ! não hesites...

Põem-se novamente a caminho.

AS ARVORES

Ai ! Sagramor... Sagramor...



I

Fœda est in coitu et brevis voluptas,
Et tædet Veneris statim peractæ.

T. PETRONIUS.

Ao anoitecer. Rua estreita de aspecto medieval, ennegrecida pela sombra d'um velho palacio transformado em prisão. A uma das janellas, espreitando por entre as grades, apparece Cecilia, linda donzella de dezeseis annos, loira e alvissima... Os seus dedos seguram um fio d'onde pende, para a rua, o pequeno cesto em que recolhe as esmolas dos passantes.

CECILIA, vendo Sagramor :

Senhor, meu bom senhor ! por Deus ! uma esmolinha !

SAGRAMOR

Ah ! que linda tu és !... Que angelica belleza !
Tua mãe foi decerto a mais linda rainha !
Que fazes tu ahi, tão pallida ?

CECILIA

Estou presa...

SAGRAMOR

Presa?... Presa por quê ?

CECILIA

Prenderam-me, senhor,
Por furtar uns aneis para florir meus dedos...
Meus olhos, de chorar, já vão perdendo a côr,

Quaes sob a chuva, pelo outomno, os arvoredos...
Nas tranças trago só capellas de martyrios,
Por joias, tenho só braceletes d'algemas...

SAGRAMOR

Pois não viram, meu Deus! que os teus dedos são lirios,
Que só podem viver orvalhados de gemmas?
Que doce crime, o teu! — crime d'anjo travesso...
Que olhos cheios de dor!

CECILIA

Já foram joviaes,
Mas agora, ai de mim! nem eu propria os conheço!
— Depois de preso o rouxinol não canta mais...

SAGRAMOR

Que annos tens?

CECILIA

Dezeseis...

SAGRAMOR

E prendem-te, os malvados!

E o teu nome?

CECILIA

Cecilia...

SAGRAMOR

O nome d'um santa!

E os teus paes onde estão, Cecilia?

CECILIA

Sepultados...

SAGRAMOR

E noivo, não tens um ?

CECILIA

Ninguem de mim se encanta...

Quem ha-de amar, senhor, uma presa ?

SAGRAMOR

Amo-te eu !

CECILIA

Vós... amar-me... senhor ! Estaes por certo a brincar...

Que posso eu dar-vos se nada tenho de meu ?

SAGRAMOR

O luar da tua alma e o mel do teu olhar...

Cecilia ! amo-te muito... muito...

CECILIA

Ah ! se assim fosse !

Estarei eu a sonhar?... Ah ! por Deus, não zombeis...

SAGRAMOR

Nunca ouvi uma voz tão oleosa e tão doce...

Fala ! quero-te ouvir !... Gostas muito d'anneis ?

CECILIA

Ah ! se gosto de anneis !... Como brilham ! que aurora !

SAGRAMOR

E tens muitos ?

CECILIA

Senhor, tive-os, cheios de luz,

Mas os maus, os crueis ! tiraram-m'os... e agora

Os meus dedos olhae: trago os meus dedos nús !
 Envolve-os, muita vez, ao vel-os tiritantes,
 Com lagrymas rogaes, diamantes a fingir,
 E elles, julgando verdadeiros os diamantes,
 Alegram-se, os sem côr ! e até parecem rir !
 Sem differença os filhos devem ser tratados,
 Por isso, ao enganar as mãos, picam-me abrolhos :
 São meus filhos tambem meus olhos desolados
 E eu, p'ra enganar as mãos, faço penar os olhos.

SAGRAMOR, tirando os aneis que traz nos
dedos:

Pobres dedos, que estão pedindo alvos arminhos,
 Bem dignos de tanger as mysticas violas !
 São teus estes aneis... agasalha os nusinhos !
 Mas... como t'os darei ?

CECILIA

No cesto das esmolos.

*Cecilia faz descer o pequeno cesto. As
suas mãos, desenrolando o fragil cordel,
alvejam cheias de graça.*

SAGRAMOR

Que delicia de mãos ! que maviosos gelos !
 Parecem duas flor's que caíssem da lua !

De subito, parte-se o cordel.

Oh ! como ha-de isto ser ?

CECILIA

Soltarei meus cabellos !

Meus cabellos, senhor, chegam até á rua...

*Cecilia desprende os seus reaes cabellos
d'oiro, que descem, magníficos, pela pa-
rede abaixo.*

SAGRAMOR

Chove oiro ! Que esplendor ! Que preciosas torrentes !
Chove oiro ! Chove sol ! Que torrencial thesoiro !
Nas madeixas brincando, as tuas mãos albetes
São dois anjos a rir n'uma floresta d'oiro !
Que escada de Jacob para alados desejos !
Que escada p'ra subir á tua bocca em flor !
Que estrellado jardim para adormecer beijos !
Amo-te muito !... Vem !

CECILIA

Estou presa aqui, senhor...

SAGRAMOR

Irei buscar-te...

CECILIA

A mim ? É alta esta janella
E gradeada de ferro...

SAGRAMOR

Arrombarei a porta...
Serei preso... entrarei depois na tua cella...
E ter-te-ei afinal !... Preso ou solto, que importa ?

Sagramor dirige-se, hallucinadamente, para a portaria da prisão; momentos depois, ouve-se o estremecer d'uma porta violentada. Gritos, espadas tilintando.

Ao nascer da lua, pela janella de Cecilia, sae um murmurio de beijos e de vozes apaixonadas.

O mal principia agora; o peor ainda está
para vir.

SHAKSPERE.

De noite. Uma enxovia. Pallido como um condemnado á morte, os cabellos revoltos, os olhos doidos, Sagramor está sentado n'uma velha enxerga, ao pé de Cecilia adormecida.

CECILIA, despertando:

Sagramor... Sagramor...

SAGRAMOR

O que é, Cecilia?

CECILIA

Deita

A cabeça em meu seio... e dorme um pouco... dorme...
Quando eu dormia só, esta enxerga era estreita,
Mas agora, contigo, amor! como é enorme!
Quando, ás vezes, do meu o teu corpo se afasta,
Exagéro a distancia e firo o coração
E julgo que esta enxerga é uma floresta vasta,
Onde eu, pallida, vou a procurar-te em vão!
Vem dormir, Sagramor... Meus braços serpentinos,
Como cobras de leite, agitam-se em desejos...
Mas... que dôr entristece os teus olhos divinos?

SAGRAMOR

A saudade cruel dos teus primeiros beijos...

CECILIA

Pois quê? os beijos que te dou serão tão frios
Que te façam chorar aquelles que te dei?
Minha bocca já não conterà amavíos?
Em tres noites d'amor já de amor te fartei?

SAGRAMOR

O amor, ó pobre amiga, é um doente caprichoso,
Só ama o que não tem e o que se foi ligeiro...
Só o primeiro beijo é suave e voluptuoso,
Os outros beijos são phantasmas do primeiro...
O amor é um instante só, um relampago escasso,
— É um seculo ao pé d'elle a breve mocidade...
É o primeiro beijo, é o primeiro abraço,
E o primeiro olhar: tudo mais é saudade...

CECILIA

Ai de mim! ai de mim! Triste destino o meu!
O que ha-de ser de mim?

SAGRAMOR

Chóra! o chôro conforta...

CECILIA

O que ha-de ser de nós se o nosso amor morreu?

SAGRAMOR

Vivamos a chorar a nossa paixão morta...

CECILIA

Habituada a chorar, habituada a ser triste,
Logo vi que a ventura havia de fugir;

Mas, meu Deus, meu Jesus cruel, que não me ouviste,
Se só devo chorar, porque aprendi a rir ?

SAGRAMOR

Cecilia ! o amor engana as almas innocentes,
Só derrama illusões, doidos sonhos inspira ;
Dos antros faz reaes palacios resplendentes
Com pedrarias, flor's e lhamas de mentira...
Quando aqui penetrei, esta enxovia tinha
A opulencia real d'um palacio de lendas,
E esta enxerga par'ceu-me um leito de rainha,
Com damascos boreaes e nevoeiros de rendas...
Pelas paredes vi sedas, espelhos, télas,
E lumes a fulgir entre verdes grinaldas,
Em cestos d'oiro, a arder, plantas que davam estrellas,
E em mosaico, no chão, beryllos e esmeraldas.
Mas hoje tudo é negro, embaciado, sombrio !
Rendas, joias e flor's em cestos d'aurea verga,
Tapeçarias, metaes sonoros, tudo fugiu !
Adormeci no ceo e acordei n'uma enxerga !
Não posso aqui viver, n'este abysmo alarmante,
Onde as paredes, como espectros vingativos,
Fazem estranhos signaes, a combinar o instante
Em que hão-de desabar e sepultar-nos vivos !
Vamos fugir !... Enchí de vinho as sentinellas,
Que já estão a dormir...

CECILIA

E onde iremos d'aqui ?

SAGRAMOR

Ao acaso... não sei... quaes navios sem velas...

CECILIA

Serei a tua sombra, irei atraz de ti...

SAGRAMOR, levantando-se para sair:

Não te demores... Vem!... Com real aparato,
Já se adivinha, ao longe, o sol flammante e loiro...
Vamos, veste-te e vem! Vamos...

CECILIA, erguendo-se nua:

Não tenho fato...

SAGRAMOR

Desprende o teu cabelo: irás vestida d'oiro!

Cecilia, desprendendo os cabellos e vestindo-se com elles, foge atraz de Sagramor.

Erat autem mulier pulchra valde.
LIVRO DOS REIS.



Crepusculo. Um cemiterio. Emmagrecido, cheio de olheiras, os cabelos longos e despenteados, Sagramor está parado ao pé da sepultura de Cecilia. Na valla geral, o coveiro abre uma cova e canta.

O COVEIRO

A terra é boa fazenda
P'ra capotes d'agasalho,
Aquece mais que o velludo,
Que a agoardente e que o borralho...

SAGRAMOR

Lirios e beijos venho esfolhar
Na tua cova:
Ó mãos de prata vinde-os buscar,
Ó linda morta, tão linda e nova!

Pésa-te a terra, doce beleza,
Ó rei dos dorsos!
Pésa-te a terra mas mais pésa
O grande peso dos meus remorsos...

Que mocidades tão infelizes,
Que mocidades!

Dão-te facadas essas raizes,
Dão-me facadas estas saudades...

Mordem-nos todos, ó fino ser
De mãos inermes!
Mordem-nos todos, n'um cruel morder,
Morde-me a Angustia, mordem-te os vermes!

O COVEIRO

Casaram hontem dois vermes,
Não se fala n'outro assumpto;
A alcova onde elles dormiram
Foi a venta d'um defunto.

SAGRAMOR

Ai d'esse tempo, quando nós dois
Fomos um só!
A Saciedade veio depois
E a Torre d'Oiro desfez-se em pó...

Quem a diria tão cedo morta,
Aquella chamma!
A Saciedade bateu á porta
E foi deitar-se na nossa cama...

Moveu-nos guerras e colheu palmas,
Guerras sem treguas!
Estavamos juntos, mas nossas almas
Estavam distantes, a muitas legoas...

Morto, na morte cobraste a vida,
Sonho desfeito!
De novo te amo, nuvem sumida!
De novo habitas meu pobre peito...

Meu pobre peito, conserva-o preso
 Minaz desejo:
 Só amo aquillo que me é defeso,
 Só amo aquillo que ao longe vejo...

Por isso volto a adorar-te hoje,
 Amor bem triste...
 Só amo aquillo que de mim foge,
 Amar-te-ei sempre pois me fugiste...

O COVEIRO

Enterrei hontem um padre,
 Que amava a pinga, p'los modos...
 Os vermes, mal o atacaram,
 Ficaram bebedos, todos!

Sob os cyprestes, avançando para Sagramor, apparece Fulvia, mulher formosissima, envolta n'um solemne manto de veludo preto.

FULVIA

A angustia que se lê por claro em vosso rosto
 Feriu-me o coração com tal força que vim
 Para vos consolar... Contae-me esse desgosto...
 Vós, que tão novo sois, porque choraes assim?

SAGRAMOR

Minhas lagrymas são d'amor, d'amor dorido!
 Chóro aquella p'ra quem fui o algoz e o enlevo;
 Só lhe achei o valor depois de a ter perdido,
 E com lagrymas pago os beijos que lhe devo...

FULVIA

Resignae-vos se a Deus a sua morte approve...
 Vossas magoas são vãs... Não ha paixão eterna...

De que serve chorar, se a morta vos não ouve?
Sois um doido a atirar dobrões a uma cisterna...

SAGRAMOR, levantando os olhos cheios de lagrymas e reparando na prodigiosa belleza de Fulvia:

Quem sois vós? Nunca vi uma tão linda Dama,
Um tão lindo jardim para passear o amor...
Senhora, quem sois vós?

FULVIA
Aquella que vos ama...

SAGRAMOR
O vosso nome?

FULVIA
Fulvia... E o vosso?

SAGRAMOR
Sagramor...

O vento agita as flores que ornamentam a sepultura de Cecilia. Vendo-as estremecer, Sagramor estremece tambem.

FULVIA
Mas porque é que tremeis?

SAGRAMOR
Por ver tremér as flores
D'esta cova...

FULVIA
Porquê?

SAGRAMOR

Pois não vedes como ellas
Me reprehendem : *Cruel, buscas novos amores,*
Desprezaste Cecilia, a pobre...

FULVIA, imperiosamente:

Ide colhel-as...

SAGRAMOR

Quê?... Colher estas flor's?... roubar-lhe a sepultura?
Para quê?

FULVIA

Para ornar o oiro das minhas tranças...

SAGRAMOR

É uma crueldade, uma infamia...

FULVIA, ironica:

Candura!

SAGRAMOR

Não! não lhe roubo as flor's depois das esperanças!

FULVIA

Vamos! não hesiteis...

SAGRAMOR

Oh! não... A vossa coma
Não precisa das flor's geladas dos defuntos...

FULVIA, abrindo o manto e mostrando-se
gloriosamente nua:

E agora, se eu mandar que as apanheis?

Vencido pela prestigiosa nudez que o
deslumbra, Sagramor colhe as flores e offe-
rece-as a Fulvia, que lhes aspira, voluptuo-
samente, o perfume.

Que aroma !

Vamos ! vinde comigo e dormiremos juntos . . .

Fulvia e Sagramor saem alegremente do
cemiterio.

O COVEIRO

Os vermes mais as raizes
Tem um paladar biqueiro ;
Que seria dos patrões
Se não fosse o cosinheiro . . .

Femme souvent varie;
Est bien fol qui s'y fie.
FRANÇOIS 1^{er}.



Sentada sobre um vasto divan de velludo escarlate, Fulvia acaricia, amorosamente, Luciano, seu amante.

LUCIANO

Vamos deitar-nos, Fulvia!... A morte vem depressa,
E em breve, p'ra encostar esta pobre cabeça,
Terei, d'um mausoleu na fria solidão,
Em lugar do teu seio, as taboas d'um caixão...
Não ouves soluçar meus inquietos desejos?
Sendo a vida tão curta e tão doces teus beijos,
Tão brando o teu cabelo e tão suave o teu peito,
É um crime, lindo amor, estar fóra do teu leito...

FULVIA

Se me appeteces, eu appeteco-te mais!
Estou deserta p'los teus abraços sensuaes,
P'los teus beijos febris e affagos de velludo...
Mas... espera um momento, amigo, e terás tudo,
Tudo o que eu posso dar-te e tudo o que desejas,
Esta bocca e esta pel': leite puro e cerejas!
Mas espera um momento... Um ingenuo que me adora
Ha-de vir procurar-me em breve... É esta a hora

A que costuma vir... É uma alma toda amor,
 Que me int'ressou p'la sua innocencia de flor,
 Mas de quem estou por fim saciada, aborrecida,
 Como o que, acostumado á turbulenta vida
 Das grandes capitaes, onde o vicio enxameia,
 Passado um mez, detesta a mais risonha aldeia...
 Espera um momento só... Quando elle agora vier
 Inventarei no ar um pretexto qualquer
 E despedil-o-ei... Depois, entrarei nua
 No meu leito e serei inteiramente tua!

Passos na escada.

Esconde-te, elle ahi vem!

A VOZ DE SAGRAMOR, fóra:

Fulvia!... Fulvia!... sou eu!

Luciano esconde-se; entra Sagramor.

FULVIA

Meu lindo Sagramor!

SAGRAMOR

Fulvia! meu lindo ceo!

Minha joia! meu sete-estrello!

FULVIA

Amas-me ainda?

SAGRAMOR

Se te amo! Cada vez te amo mais, minha linda!
 Caiam rosas e estrellas a teus pés,
 Seja-te a vida um delicioso encanto,
 Que a alegria te vista, como um manto,
 Acerque-se a ventura que antevês!
 Falte-me a vista, fira-me a mudez,

Sejam meus olhos dois rios de pranto,
 E exilem-me, se fôr preciso tanto
 P'ra que da Sorte colhas as mercês!
 Verta de sangue lagrymas sentidas.
 Seja meu corpo um jardim de feridas,
 Queimem-me vivo, cusпам-me os mais vis:
 Paciente aguentarei penas tão duras
 E no meio das minhas desventuras
 Serei feliz sabendo-te feliz!

FULVIA

Meu lindo Sagramor, meu doce amigo!

SAGRAMOR, fingindo-se amuado:

Traiçoeira!... falsa!... má!... Estou zangado contigo
 P'lo que hontem me fizeste...

FULVIA

O quê?

SAGRAMOR

Tremendo e louco,

Ia a beijar as tuas mãos d'opalas,
 Quando tu me disseste: *espera um pouco*. . .
 E foste perfumal'as...
 Vaidosa! como se preciso fosse
 Adoçar o que é já de si tão doce...

FULVIA

Eu, vaidosa?

SAGRAMOR

No dia de Juizo,
 Quando o gladio brilhar de Jehovah
 E um anjo loiro do paraíso

Descer ao valle de Josaphat,
Todos os mortos sairão das covas,
Appavorados, em convulsão,
Anciãos e reis, velhas e novas,
Todos os mortos despertarão !
Só tu, só tu não surgirás
E em teu sepulchro ficarás !
E um anjo então, indo buscar-te,
Irá achar-te
Pondo rosas e cravos nos cabellos,
Brunindo as unhas, que da opala são a inveja,
E ensaiando o jogo do olhar,
Com medo que Deus te veja
No desleixo do despertar !

FULVIA, sorrindo :

Que loucura !

SAGRAMOR

Disseste uma justa palavra...

Tens razão: a loucura em meu espirito lavra...
A taça d'ambar que me deste um tía
E que eu, amor, em tanto preço tenho,
Enchi-a
Com a prata das agoas do teu banho.
Bebendo esse licor, fiquei borracho
E depois doido... Vê a quanto montam
Os males com que provo esta affeição...
Vou recobrando o siso... e agora acho
Que são bem verdadeiros os que contam
Que o abuso do mel tira a razão...

FULVIA

Que amavel que tu vens !

SAGRAMOR, dando-lhe um ramo de lilazes
brancos:

Bom! façamos as pazes:

As bandeiras da paz serão estes lilazes...

Deante d'um espelho, erguendo os braços nus, Fulvia põe os lilazes nos cabellos:

Cada um dos teus braços, ó sereia,
É uma cadeia!
Nenhum tacto conhece
Coisa mais doce, nuvens ou setim...
Os da Venus de Milo, se os tivesse,
Deviam ser assim!
Assim... não! linda flor que te condoes
Das minhas magoas co'as caricias tuas,
Não! não eram assim!... não ha dois soes
Nem duas luas!
Não! não eram assim como os teus braços,
Que me entreabrem o ceo quando os contemplo,
Nem a Deusa os perdeu em mil pedaços
Nas ruinas do seu templo!
Um pezar bem horrendo
Com certeza affligiu a Deusa bella:
Não os perdeu, partiu-os, antevendo
Que a belleza dos teus rebaixaria os d'ella!

FULVIA, mudando repentinamente de aspecto,
passando de alegre a preocupada:

Estou triste, Sagramor, estou triste como a morte!
A caprichosa sorte,
Já nos não deita, não! em seus divans d'arminhos
E faz-nos caminhar, descalços, sobre espinhos!
Á luz seguiu-se a treva,
A lagryma ao sorriso,

E como Adão e Eva
Fomos expulsos do paraíso...

SAGRAMOR

Fala! o que aconteceu?... Assustas-me, meu bem...
O que foi? o que foi?

FULVIA

Meu pae e minha mãe
Julgam-me virgem, ai! e, n'essa persuasão,
Sem consultar sequer meu pobre coração,
Destinaram-me um noivo e querem-me casar!
Vê que destino o meu! que lastimoso azar...
Amando-te febril e delirantemente
E não qu'rendo soffrer o jugo impertinente
D'um amor que não seja o teu doirado amor,
Repelli esse noivo a quem tenho rancor,
Esse monstro que odeio e que, desde esse dia,
P'ra se vingar de mim, os meus actos espia...
O inimigo é feroz... preciso acautellar-me...
Na visinhança vae um marulhante alarme,
Um tredo murmurar sobre os novos amores:
Serpentes infernaes martyrisando flores...
Ora se esse rumor, meu bem, chega aos ouvidos
Do noivo despeitado... então estamos perdidos,
Ninguem nos salvará...

SAGRAMOR

Que hei-de eu fazer?

FULVIA

Fugir...

SAGRAMOR

Fugir?... Antes morrer!

FULVIA

É forçoso partir,

É forçoso partir !

SAGRAMOR

Só se vier's comigo...

Partamos ! Vamos ! Vem !

FULVIA

Não posso, meu amigo...

SAGRAMOR

Já não me tens amor...

FULVIA

Escuta um pouco, socéga,

Não te exaltes assim... A surpresa te cega,

Mas, em breve, verás como tenho razão...

Peço-te ! parte... vae...

SAGRAMOR

Partes-me o coração !

FULVIA

Confiante, escolherás um recatado asylo,

Aonde irás viver sem apprehensões, tranquillo,

Certo do meu amor, que é todo, todo teu...

Depois, meu Sagramor, quando aclarar o ceo,

Voltarás, colherás de novo as minhas flores,

E os meus beijos até te hão-de par'cer melhores...

Quando voltares, ai ! que languido alvoroço !

Não hesites, por Deus ! supplico-te...

SAGRAMOR

Não posso...

FULVIA, duramente:

Não vaes?... E se eu mandar?

SAGRAMOR, com humildade:

Governas sobre mim...

FULVIA, apontando para a porta:

Parte! sou eu que mando!

SAGRAMOR, saindo:

Adeus!

FULVIA, fechando a porta:

Adeus!... Emfim...

Para Luciano, que aparece:

Custou-lhe a desprender-se, a lesma! dos refens...

Estou livre, até que emfim!... Sou tua, aqui me tens!



Ao cair das folhas... Sagramor despede-se de Martha e Violante, que o fitam doloridamente...

MARTHA E VIOLANTE

Porque é que nos deixas, amante indiferente ?
Não é fino o oiro das nossas madeixas,
Não somos graciosas quaes palmas do Oriente ?
Porque é que nos deixas ?

Vieste pedir-nos abraços e beijos,
De beijos e abraços sedosos te enchemos ;
Porque é que nos foges e aos nossos desejos ?
Que mal te fizémos ?

SAGRAMOR

Os olhos das almas, ó lindas amadas,
Anceiam, deliram por ver coisas novas ;
As coisas já vistas, são coisas fanadas,
São trevas, são covas !

Meus olhos, sequiosos d'ar novo, de viagem,
Ao pé de vós julgam morrer n'um desterro...
P'ra mim, sois, ó lindas ! a eterna paisagem,
Que o preso está vendo p'las grades de ferro...



O luar sobrenaturalisa a paisagem. Marginando o rio, os salgueiros caminham para o mysterio...

SAGRAMOR

Os salgueiros estão ouvindo
A musica do luar,
Suspensos, como dormindo,
A ouvir o luar e a sonhar...
Os salgueiros são altos, muito altos,
Mas não altivos...
E a lua branca não se cança, não,
De lhes mostrar, com amor e carinho,
O caminho
Da resignação...
E os salgueiros entreolham-se pasmados
E pensativos...

Sob o cantante
E extasiante
Falar da lua,
Todo o orgulho se fana e se extenúa...

E tudo é tão triste, humilde e sem glória
 Que eu na paisagem vejo a minha memoria,
 Sonhando ao luar,
 A sonhar...

Ao longe, entre os salgueiros, passam
 apagadamente as amantes de Sagramor:
 Cecilia, Fulvia, Martha e Violante.

Entré os salgueiros andam nevoas brancas,
 Enluaradas...
 São os veos brancos e as tunicas brancas
 Das minhas amadas...
 Cecilia, a ingenua, ella lá vem!
 E a lua canta...
 Fulvia, Martha e Violante, ellas la veem tambem!
 E a lua canta...

AS AMANTES, agitando thuribulos:

N'estes thuribulos enfermos
 As brasas dormem apagadas;
 Dá-nos resinas perfumadas
 E fogo para as derretermos...

SAGRAMOR

Meu coração já não é redoma
 D'aromas,
 Nem já é brazeira quente
 De brazas ardentes...
 Não tenho brazas para vos dar,
 Não tenho incenso, não tenho myrrha para vos dar...

As Amantes lançam ao rio, resignada-
 mente, os seus thuribulos.

De Cecilia os cabellos
 Eram novellos
 D'oiro sem liga,
 E a sua testa era de prata antiga...

Fiel e doce,
Jamais achei quem fosse
Mais fiel e mais doce...
Deixei de a amar... e a pobresinha,
Sempre submissa e calma,
Não podendo guardar na sua alma a minha,
Na sua alma guardou a sombra da minh'alma...
— Jamais esquecerei o olhar que me volveste,
Cecilia, á hora da partida...
Triste olhar, que é no peito onde viveste
Como um punhal n'uma ferida...
Fugi de ti... e a caminhar, meu lirio loiro,
Via-te sempre na despedida, timorata:
P'las costas, toalhas d'oiro,
P'lo rosto, rios de prata...
Já longe, ouvi a tua voz, humilde como a herva:
*«Espera! contigo irei por caminhos d'abrolhos,
«Se não me tens amor, serei a tua serva,
«Com toalhas d'oiro alimparei teus olhos...»*
E eu respondi: *Não venhas, não! meu lirio loiro...*
E tu ficaste hirta, medrosa, timorata:
P'las costas, toalhas d'oiro,
P'lo rosto, rios de prata...

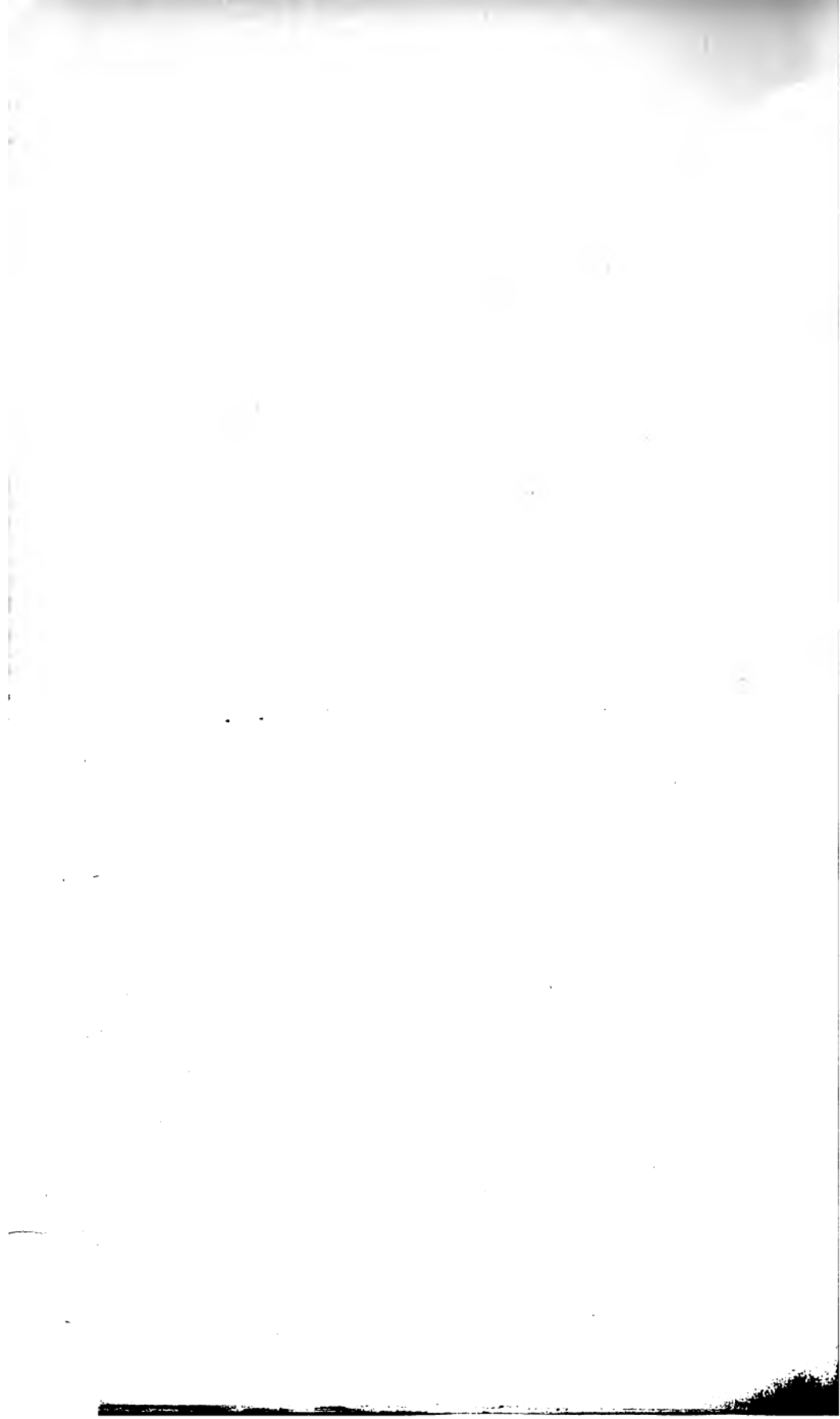
Fulvia tinha nas faces rubros rainunculos
De febre! Era uma cobra de desejos...
Ah! como nos incendiámos!
Oh!... traz a bocca cheia de carbunculos!
Não são carbunculos, são beijos,
Os beijos que trocámos...

Martha e Violante! Amor passageiro,
Sol pallido e ligeiro...
No campo, á meia noite, quem dirá

Que o sol passou por lá?
O cume era alto, crepuscular,
Cheio de cardos o caminho,
E o amor, muito velhinho
Não pôde lá chegar...

Ah! pudesse eu beijal-as
Como as beije!
Beijal-as e abraçal-as,
Ditoso rei...
Ai! mas agora a minha bocca descorada
Em vossas boccas frias de granito,
Seria como os olhos meus n'um livro escripto
N'uma lingoa ignorada...
Ainda arrastaes os vossos mantos
Da minha alma nas outomniças alamedas,
Mas os vossos encantos
Estão apagados como as effigies das moedas...
E ai! o que sois agora, ó princezas amigas
Do meu Palacio que tombou desfeito?
Sois um collar de medalhas antigas
Que eu trago ao peito...

Cecilia, Fulvia, Martha e Violante des-
apparecem no nevoeiro...



II

Quia dicis quod dives sum & locupletatus,
& nullius egeo; & nesciis quia tu es
miser, et miserabilis, & pauper, & cæcus
& nudus.

APOCALYPSE.

Non est (falleris) hæc beata, non est,
Quod vos creditis, vita, non est,
Fulgentes manibus videre gemmas,
Aut testudineo jacere lecto,
Aut pluma latus abdidisse molli,
Aut auro bibere et cubare cocco.
Regales dapibus gravare mensas,
Et quidquid libyco secatur arvo,
Non unce positum tenere cella.

T. PETRONIUS.

Tristissimo, abatido,
Como um Anjo expulso despertando entre os mortaes,
Sagramor chora o seu paraizo perdido,
Despertando e affligindo os echos com seus ais.

Sonhando, viu-se rei mas despertou mendigo,
Tem fome elle que, em sonho, avassallou o globo,
Saiu do seu palacio e em vão busca um abrigo,
E lá vae pela noite, uivando como um lobo !

No Amor, que elle julgára a suprema ventura,
Encontrou Sagramor as desgraças supremas;
A Torre de Marfim tornou-se em crypta escura
Os lagos em paues e as azas em algemas...

Os beijos que bebeu vomital-os quizera,
As boccas que beijou não são rosas, mas chagas !
E as mãos que amou, suaves como a primavera,
Vão-lhe rasgando agora o peito como adagas...

E quer chorar ! mas suas lagrymas accesas
 Não teem força já p'ra subir a seus olhos,
 E na sua alma são quaes ingenuas Princezas
 N'uma cisterna secca, ouriçada d'abrolhos.

— *Sagramor ! Sagramor ! desilludido amante,
 Olha que vaes cavando a tua propria cova :
 A chymera do Amor não te magoou bastante ?
 Para que vaes atraç d'uma chymera nova ?*

*Buscas a F'licidade ? O que é a F'licidade ?
 Desejas ser feliz... que ingenuidade a tua !
 Só um doido pode ter semelhante vaidade...
 Desejar ser feliz é qu'rer tocar na lua...*

Embalde !... Sagramor caminha noite e dia,
 Caminha sem cessar, sob o inclemente ceo,
 A procurar em vão, n'uma ancia erradia,
 O que buscou no Amor e que o Amor lhe não deu.

A F'licidade !... A F'licidade !... Á cata d'ella
 Lá vão seus olhos, n'um fundo hallo violacio,
 Lá vae seu coração — ensanguentada estrella,
 Qual tysico formando o plano d'um palacio.

E a F'licidade não se mostra ! e o tempo corre...
 A alma de Sagramor, que o Amor fez em farrapos,
 É uma trepadeira á busca d'uma torre...
 E elle lá vae, na treva, entre o côro dos sapos...

Lá vae... lá vae... cheios de dor seus olhos lassos...
 E quando do sol ruivo ou do luar á luz,
 N'um febril desespero abre os convulsos braços,
 Sua sombra no chão representa uma cruz !



Um dia, ao despertar, Sagramor encontrou-se
N'um palacio encantado... O seu leito é de plumas,
Nadam no ar a myrrha e o cinámmomo doce,
Chegam aos seus balcões as marinhas espumas...

Cae do tecto, inflammando os espelhos extacticos,
Um fino orvalho d'oiro... O chão explende e cega...
Em pançudos, brutaes perfumador's asiaticos,
Um perfume d'harem, voluptuoso, fumeça...

Chove oiro! Abrem-se astraes, gloriosas galerias
Com aves do Equador e argenteas flor's polares,
Sobem perfumes... e nas reaes escadarias
Dormem flavos leões e tigres familiares...

Sagramor é feliz: tudo, tudo isto é seu!
Nenhum thesoiro astral pode os seus egualar:
Seu dinheiro empilhado alcançaria o ceo
E, ás ondas atirado, atulharia o mar!

Sagramor é feliz! Chove oiro em seus cabellos
Pisam oiro seus pés... Tem tudo o que appetitece:
Uvas em maio, no Natal morangos bellos,
Camelias no verão, no inverno flor's de messe...

Cleopatra bebeu vinhos e pedrarias
P'la taça em que elle bebe — uma enorme amethysta,
E a patena em que come é a mesma em que Herodías
A cabeça depoz de São João Baptista...

Nem o de Trymalção vencera os seus banquetes !
Dos seus servos o andar segue o rythmo das harpas,
E o oiro cae do tecto, alagando os tapetes,
As lhamas, os setins, as tunicas e as charpas...

A myrrha sóbe no ar em nuvens lisongeiras,
O orvalho d'oiro cae, fulvo, impalpavel, fino...
No mosaico de côr os pés das bayadeiras
Quaes borboletas são n'um jardim levantino...

Sagramor é feliz ! A uma doce alameda
Vae tranquillo caçar p'las tardes carinhosas;
A funda com que atira é de velludo e seda
E mata collibris com pedras preciosas...

O haschich e o opio dão-lhe sonhos encantados,
Preguiçosas visões, voluptuosos torpores...
O leite que elle bebe em cyathos doirados
D'uma cabrinha é que apenas come flores.

A sua vida flue constantemente nova,
Fazem-n-o rir os joviaes anões tafues...
P'ra refrescar o ar, manda soltar na alcova
Muitas e muitas mil borboletas azues...

E cada vez chove mais oiro !... Que riqueza !
P'ra o abrigar da chuva, altos toldos vermelhos
Cobrem seu vasto leito e sua lauta meza...
E no chão o oiro em pó chega já aos joelhos !

O oceano chora sob os seus amplos terrassos,
As harpas vibram entre exhalações do Oriente
A myrrha e o benjoim erram em fumos lassos
E a chuva d'oiro cae, silenciosamente...

E Sagramor nem já pode os olhos abrir,
Tão densamente cae o orvalho fino e loiro :
Sente-se asphyxiar quando está p'ra dormir,
Nem já pode falar com os pulmões cheios d'oiro !

Ah ! como o irrita e cega essa teimosa chuva,
Essa ironia d'Oiro, essa obsessão em pó !
Sua alma, — a noiva, está novamente viuva,
Detesta o Oiro como as boccas que beijou !

O Oiro augmenta no chão, sóbe e já chega aos peitos !
Sagramor quer falar, mas só tem ancias roucas,
Seus braços fazem no ar doloridos tregeitos,
O Oiro cae . . . e no chão sóbe e já chega ás boccas !

Todos fugiram do palacio apavorados !
Convulso, Sagramor fugir tambem pretende,
Porem, exhala em vão seus gritos suffocados
Entre a chuva que o cega e a inundaçào que o prende !

Vae morrer ! . . . O Oiro astral, esse amigo traiçoeiro,
O Oiro que o deslumbrou vae afogal-o emfim !
De subito, porem, n'esse esforço derradeiro,
Um balcão alcançando, atira-se ao jardim . . .

Mas no jardim, ai d'elle ! a chuva é torrencial !
Já não é oiro em pó, são piastras e dobrões !
É uma flava e cruel saraivada infernal
Que faz rugir de dor os tigres e os leões !

E Sagramor lá vae, lapidado por estrellas,
Corre, tropeça, cae, depois ergue-se exangue,
E lá corre e lá vae p'las avenidas bellas,
Sob a chuva infernal, a suar Oiro e sangue . . .

A suar Oiro e sangue, elle lá vae aos gritos,
Amaldiçoando o seu desalmado thesoiro !
Seu jardim abandona, onde branquejam mythos,
E lá vae, e lá vae, a suar sangue e Oiro !...

III

... Nous avons vu des astres
Et des flots; nous avons vu des sables aussi;
Et, malgré bien des chocs et d'imprévus désastres,
Nous nous sommes souvent ennuyés, comme ici.

BAUDELAIRE.

Na ilha de Lesbos. Saindo d'um bosque, Sagramor encontra-se com um Klephta,
no alto d'uma collina... Ao longe, as ruínas de Mytilene...

SAGRAMOR

Aquellas ruínas d'um tão triste aspecto,
Tão triste e, ao mesmo tempo, tão solemne,
O que são?

O KLEPHTA

São o pallido esqueleto

De Mytilene...

Ali onde só vês tristeza e ruínas,
Estatuas partidas, templos mutilados,
Restos de fontes e piscinas,
Tudo entre as hervas, tudo aos bocados,
Ali floresceu já com seus palacios bellos,
Uma cidade, mãe de heroes e poetas,
Onde as matronas, de cigarra nos cabellos,
Tinham mãos d'ambar e olhos de violetas...
Móra o silencio n'essas ruínas malfadadas,
Nem já sequer os zephyros ligeiros
Acordam, brandamente, as lyras penduradas
Nos galhos dos loureiros...

Não distingues alem um jardim ? Era n'elle
Que Sappho ia chorar, amaldiçoando os ceos,
Quando a feriu, cruel,
O cego deus...
Nunca ouviste falar n'esses amores
Que apunhalaram á brilhante gloria
Da linda Sappho com punhaes de dores ?
Senta-te ao pé de mim, vaes ouvir essa historia...

Sagramor senta-se ao pé do Klephta, que
prosegue:

Alceu, das proprias Musas maravilha,
Que os mais sabios rivaes trazia oppressos,
Que ainda agora todos vence e humilha
Com a perfeição dos dactylos travessos
E dos coryambos d'alta magestade ;
Elle que celebrou em verso fulgurante
A visita de Apollo á hyperborea cidade,
E a sua entrada triumphante
Em Delphos, entre os péans e o murmurio
Dos rouxinoes ;
Elle que descreveu as manhas que Mercurio
Teceu para roubar os apollineos bois ;
Elle, o proscripto,
P'los nobres corações sempre lembrado ;
Tendo voltado emfim do Egypto,
Onde estivera expatriado,
Onde fôra buscar um quieto abrigo
Fugido de tyrannos e rivaes,
Um dia, ao pôr do sol, seguindo pelo caes,
De repente encontrou Thymocles, seu amigo...
Abraçaram-se os dois... A tarde era de pennas,
Vinham do alto mar tréremes, bergantins,
E a viração trazia o riso das sirenas

Que andavam a brincar com os maviosos delphins...

E a Thymocles disse o amargurado Alceu,

Que a desgraça tornara quasi louco :

— « *Vê tu, amigo, que infortunio o meu !*

« *Como se o exilio ainda fosse pouco,*

« *Afastam-me dos meus!... O meu irmão mais q'rido,*

« *Antimenides, que amo com fervor,*

« *Vive longe de mim, combatendo aguerrido*

« *Entre os soldados de Nabuchodonosor.*

« *Prêso muito, é verdade, a refulgencia,*

« *Da sua gloria, dos seus feitos de valente,*

« *Porem a sua ausencia*

« *Queima-me o peito, como um ferro ardente...*

« *E todo este soffrer de tantos annos,*

« *Tantos tormentos, tanta desgraça,*

« *Tudo por causa dos tyrannos,*

« *Que opprimem a nossa raça...*

« *De Melanchros, Megalágyros, Myrsillo,*

« *Caiu por terra o duro poder,*

« *Mas ai ! quando eu julgava ver*

« *De paz um cyclo abrir-se aureo e tranquillo,*

« *Eis que Pittacus surge e nos opprime,*

« *Sombrio e rude,*

« *Elle, o cruel, cuja melhor virtude*

« *É mais odiavel que o mais tredo crime...* »

Subito, ao longe, uma voz se levanta,

Como um luar,

Prateada voz, que encanta e canta

Doce cantar...

— *É Sappho*, diz Thymocles...

E a voz doce,

Toda de plumas, toda de prata,

Faz cerrar os olhos em volúpia doce,
N'uma doçura que arrebatá...
E as almas partem, fugindo,
E vão deitar-se n'essa voz como n'um leito,
Na voz que lança rosas sobre o peito
Dos que a estão ouvindo...
A ouvir o canto encantado,
Até a lua pára lá em cima,
E esquecendo os tyrannos, extasiado,
Alceu caminha para a voz, que se aproxima...

Dias depois, por um amanhecer mui brando,
No bosque de Aphrodite, entre as roseiras,
Triste, o rosto cavado p'las olheiras,
Alceu comsigo mesmo vae falando :
— «*D'Erymantho o sanhudo javali,*
«*Da lagoa de Lerna o monstro aterrador*
«*São andorinhas ao pé de ti,*
«*Cruel Amor !*
«*O loiro mel*
«*É bem doce mas faz endoidecer,*
«*Assim tu és, traiçoeiro ser,*
«*Amor cruel !*
«*Desde que os olhos meus viram os olhos*
«*De Sappho, amadas flores,*
«*Se no somno procuro afogar minhas dores*
«*É-me o leito mais doce uma enxerga d'abrolhos:*
«*Não durmo, ando n'um doido desvario,*
«*Géla-me o fogo, queima-me o frio...*»

Ao fundo da avenida,
N'um halló de belleza merencoria,
Sappho apparece, pallida, seguida
Por Atthis e Anactoria...

Tristíssima, abatida, a tiritar,
Como velhinha envolta em roupagens molhadas,
Os seus olhos são dois naufragios ao luar,
E os labios seus duas rosas crestadas...

— «*Sappho!* murmura Alceu, *meu doce enlevo,*
«*Ó mais doce que as uvas de Coryntho,*
«*Quero falar contigo e não me atrevo*
«*A dizer-te o que sinto...*»

Mas Sappho,
Derramando no ar o cinámmomo puro
Do seu fumegante bafo,
Volveu-lhe assim, n'um tom bem duro:

— «*Se os teus desejos fossem nobres, bellos,*
«*Não terias vergonha de dizel-os;*
«*Se córas, ao fitar-me, e hesitas em dizer-me*
«*O que traças no peito envergonhado,*
«*É porque o teu desejo é immundo como um verme*
«*E como um verme deve ser pisado...*
«*Se é o amor que te faz seguir-me a toda a hora,*
«*Por toda a parte,*
«*Mata esse amor que te devora*
«*Porque eu não posso amar-te...*»

Alceu ia a falar, mas Atthis, suspirosa,
Disse-lhe, cheia de tristeza:
— «*Pois não sabes que Sappho, a desditosa,*
«*Ama Phaonte que a despreza?*»

E ao fundo da avenida,
N'um hallo de belleza merencoria,

Sappho desappar'ceu, tristissima, seguida
Por Atthis e Anactoria...

Os dias, velozes potros,
Correndo foram, uns atraz dos outros...
Chegou o tempo da vindima; p'los vinhedos,
Os cytharedos peregrinos,
Nas cytharas passando os ageis dedos,
Cantam : *Ai Linos !... Ai Linos !...*
Queimam as sarças soturnas
De Syrius ruivo, inclemente,
E as boccas, sequiosamente,
Collam-se á bocca das urnas...
As moças riem p'los vinhedos,
Tudo sorrisos, descantes, hymnos,
Canta a cigarra, e os cytharedos
Cantam : *Ai Linos !*
Toda a gente da cidade
Anda nas vinhas cantando...
Ai ! p'las desertas ruas da cidade
Vão dois vultos chorando, suspirando...
Desde que o sol se eleva no horisonte
Até que a lua pratêa o ceo,
Anda Sappho a chorar e a chamar por Phaonte,
E por Sappho suspira e chama o triste Alceu...
E é de cortar almas d'algoz,
Troncos, penedos inanimados,
A supplicante, dolorida voz
D'aquelles corações desencontrados...

Um dia emfim,
Sappho, a humilhada, a escarnecida,
Tomando a sua lyra de marfim,
Disse, do Leucate, adeus á vida,

E em convulso chorar,
Na morte procurando um somno doce,
Lançou-se
Ao mar...

Eis a historia de Sappho e Alceu...

SAGRAMOR

Historia bem triste

Que devera contar-se a quantos cegos
Persuadidos estão que a Felicidade existe
No Amor, que apenas dá magoas, desasocegos...
Meu coração já foi um candido ceguinho,
Que julgou ver no Amor o bem mais desejado,
E que, atraz d'esse bem, n'um aspero caminho,
Em abysmos caiu, p'las silvas foi rasgado.
Depois de magoas mil, começou a chorar
E o chôro o libertou das magoas circumdantes,
Viu... mas tudo o que viu, a terra, o ceo, o mar,
Ainda lhe par'ceu mais negro do que d'antes...
O Amor é, ao principio, um astro n'uma vaga,
Mas depois é um punhal mettido n'uma chaga...

O KLEPHTA

És então um infeliz, um desgraçado?

SAGRAMOR

Engano!

A Ventura é agora em meu peito insubmisso
Como uma excepcional rosa do todo o anno,
Cada vez mais cheirosa e mais cheia de viço!
Fui, é certo, infeliz; no Amor só colhi cardos,
E o Oiro, que adorei, asphyxiou-me por fim,
Hoje em dia, porem, longe dos tedios pardos,

Causo inveja, ninguem tenha pena de mim !
Passo a vida a viajar, livre, correndo terras,
Agora no Indostão, logo em Constantinopla,
Continuamente a andar por landes e por serras,
Por cidades, sertões e oceanos de sinopla . . .
Venci enfim o Tedio, o supremo inimigo,
Vivo liberto enfim do seu dominio atroz :
Embalde o monstro quer marchar, viver comigo,
Seu andar é de velho e o meu firme e veloz.
Quando vae a alcançar-me, oppresso, em sobresalto,
Quando vae a alcançar-me, eu lhe fujo erradio :
Se vem atraz de mim no mar, á terra salto,
Se na terra me segue, embarco n'um navio . . .
Sou feliz ! sou feliz ! Livre das mãos maldosas
Do Tedio, que entristece o peito mais risonho,
A vida passo a ver coisas maravilhosas,
Mares, gloriosos ceos e cidades de sonho.
Na alma estrangulei todo o desejo vão,
Sou feliz ! sou feliz ! a vida é-me de mel,
O meu unico amigo, eil-o : é este bordão,
E a minha sombra é a minha esposa fiel . . .
Irmão, se a tua alma é uma urna de *spleen*,
Põe os olhos em mim, usa do meu remedio,
Que o exemplo que te dou teus olhos illumine,
Torna-te livre, viaja . . .

Adeus . . . lá vem o Tedio . . .

Deixando pasmado o Klephta, Sagramor desce, apressadamente, a collina, em direção do porto de Mytilene, onde um navio se prepara para sair.

● ●

Sagramor está sentado n'um penhasco, à beira do mar Egeu.

SAGRAMOR

Sinto-me farto de correr mundo,
De caminhar...
A este peito, de dor's fecundo,
O Tédio acaba de regressar...

Embalde emprehendo longas viagens
Maravilhosas...
Já não me encantam mar's nem paisagens,
O Tédio cobre todas as cousas!

O imprevisto não se renova,
Pobre desejo!
Nem sequer uma sensação nova!
Julgo ter visto tudo o que vejo...

Tenho em minh'alma uma paisagem
Bem dolorida,
Onde as angustias vão em romagem:
É a paisagem da minha vida.

Essa paisagem que me desgosta
E mette dó,
Teimosamente, está sobreposta
Nas mais paisagens por onde vou...

Nada mais vejo, forçado a vel-a,
Ai que obsessão!
Sobre os seus lagos, nenhuma estrellá,
Nem nos seus ramos uma canção...

De vel-a sempre, tudo a meus olhos
Já se transforma:
Nos lírios vejo duros abrolhos,
Nos barcos vejo da tumba a fôrma...

Dizem-me, ás vezes: *olha que doce*
Paisagem, esta,
Toda florida, como se fosse
No meç de maio um altar de festa.

Repara, andam em cada flor
Cem borboletas...
Mas eu, olhando, triste, em redor,
Só vejo cruces, só cruces pretas...

Deus poderoso, se acaso existes,
Tem dó de mim,
Dó dos meus dias que vivem tristes
Quaes leões presos em real jardim!

P'ra que o meu pobre peito friorento
Viva e remoce,
Dá-lhe um desejo nobre, violento,
E que resista, glorioso, á posse!

Como os dictames teus me consomem,
 Como me abrazas !
 Q'rendo ser anjo, sinto-me homem,
 Q'rendo ser homem sinto umas azas !

Tem dó da minha triste indigencia,
 Vê: ando nú...

UMA VOZ

Tem paciencia, tem paciencia,
 Todos na vida são como tu...

À flor do mar apparece um Tritão d'olhos
 angustiados.

O TRITÃO

Ondas, verdes irmãs com quem brincava d'antes
 P'los maviosos luares,
 Parae, erguidas no ar, como deuses gigantes,
 Vinde ouvir meus suspiros e pesares !

As ondas immobilisam-se em volta do
 Tritão.

Na ignorancia do mal, do tedio e do soffrer,
 Logrei horas de paz n'um passado já fosco ;
 De coraes me adornava e o meu maior prazer
 Era brincar comvosco...

Vós me levaveis, lindas irmãs, em vossos hombros,
 E em balanços d'amor me acalentaveis,
 E pelo sol, sedento de assombros,
 Ia ao fundo do mar ver coisas admiraveis.

Ah ! o fundo do mar ! que paiz de esplendores !
 Polypos d'oiro... madreporicas ruas...
 E os peixes a passar com lanternas de cores
 Nos olhos grandes como luas !

Eis que um dia, porem, um navio se avista !
Medroso, a contemplal-o, entre vós me occultei,
E sob um toldo vi, vestida de amethysta,
Uma linda rainha enleando um lindo rei...

Ai do pobre Tritão!... No campo de saphira
Sumiu-se a embarcação lenta, soberba e calma...
Mas o amoroso par ao amor me induzira,
E senti-me com alma !

E então ouvi cantar, muito ao longe, as sirenas :
Vem para aqui e nunca mais nos deixes !
Lindas ! loiras ! as mãos de neve e o olhar de pennas...
Mas, da cinta p'ra baixo, ai de mim !... eram peixes !

Desiludido, fugi d'ellas,
Sobre um delphim a galopar,
Que eu só queria humanas donzellas
E as pobres sirenas são monstros do mar...

Esquecido de mim, que sou monstro tambem,
Homem e peixe, causador de pasmos,
Puz mais alto que a lua o meu sonhado bem
E castigado fui com desdens e sarcasmos !

Ai dos que querem agarrar-se no ceo
A Ursa-Maior e o Sete-Estrello !
Aos Jasões nunca mais Medea appareceu
E o Dragão está guardando o ambicionado vello...

Levado p'la ambição, do amor soffrendo o açoite,
As costas bordejei, onde, em torres de lendas,
Moram filhas de reis, de olhos cheios de noite,
Mimosas como rendas...

Para as tentar, nos busios neptuninos
Tocava ao luar musicas lentas, brandas,
E as Lindas assomavam ás varandas
A ouvir meus hymnos...

*Vinde, dizia eu, ao tritão que vos ama,
Como Venus, tereis um coche com delphins,
Vinde! as ondas são uma doce cama
E são jasmineiros cheios de jasmims!*

Mas ellas... não vinham! E, p'las alvoradas,
Quando vós, ó ondas! ereis jasmineiros,
As infantas reaes fugiam das sacadas,
Lançavam-me pedras os seus escudeiros...

Para tental-as,
Semeava perolas e conchas pela areia,
Mas ellas, ao ver-me, se vinham buscal-as,
De mim fugiam qual do satyro a napêa...

Sacudido p'la dôr, voltei para o mar alto,
Nos busios celebrando as minhas magoas,
E a ouvir-me, serenava o vosso sobresalto,
Inquietas agoas!

Voltei-me contra o ceo, que é justo que se queixe
Quem vê tornar-se em pó a Torre da Illusão:
— *Se sou homem, porque é que vivo como um peixe,
Se sou peixe, porque é que tenho coração?*

Mas ao ceo não chegava
A lagrymosa voz da minha dôr sombria,
E emquanto a alma para a terra me levava,
Esta cauda de peixe ás agoas me prendia!

Certa manhã, ao despertar, vejo um navio,
De vós, ondas! cortando as prateadas ancas
E avançando com brio
Na graça virginal das suas velas brancas...

Correndo ao seu encontro, uma Donzella vejo
Na proa: para ella ergo os meus olhos lassos
E, ó doçura sem par! ó gostoso desejo!
Lá de cima a Donzella estendia-me os braços!

Ao navio trepei, de caricias sedento,
Alcancei-a... mas ai! — destino duro e mau!
Da esvelta embarcação mentiroso ornamento,
A Donzella que me sorria era... de pau!

Os marinheiros riam em cima, em voz sonora,
Lançando-me farpões e capciosas redes...
Fugi... fugi... fugi... e eis o que eu sou agora,
Ó ondas que me vedes!

De dois seres n'um só vede que estranha guerra,
Que lucta carniceira!
Homem — vivo no mar, peixe — ambiciono a terra,
E amante, abraço um vão bocado de madeira!

Apiedae-vos de mim, ondas de prata ardente,
Socias das minhas apagadas alegrias,
Tomae-me em vossas mãos e, salvadoramente,
Arrojae-me de encontro ás broncas penedias!

As ondas despenham-se, tragicamente, sobre o Tritão e arremessam-n-o de encontro a um rochedo... Instantes depois, á flor das agoas tintas de sangue, apparece o cadaver despedaçado do pobre monstro.

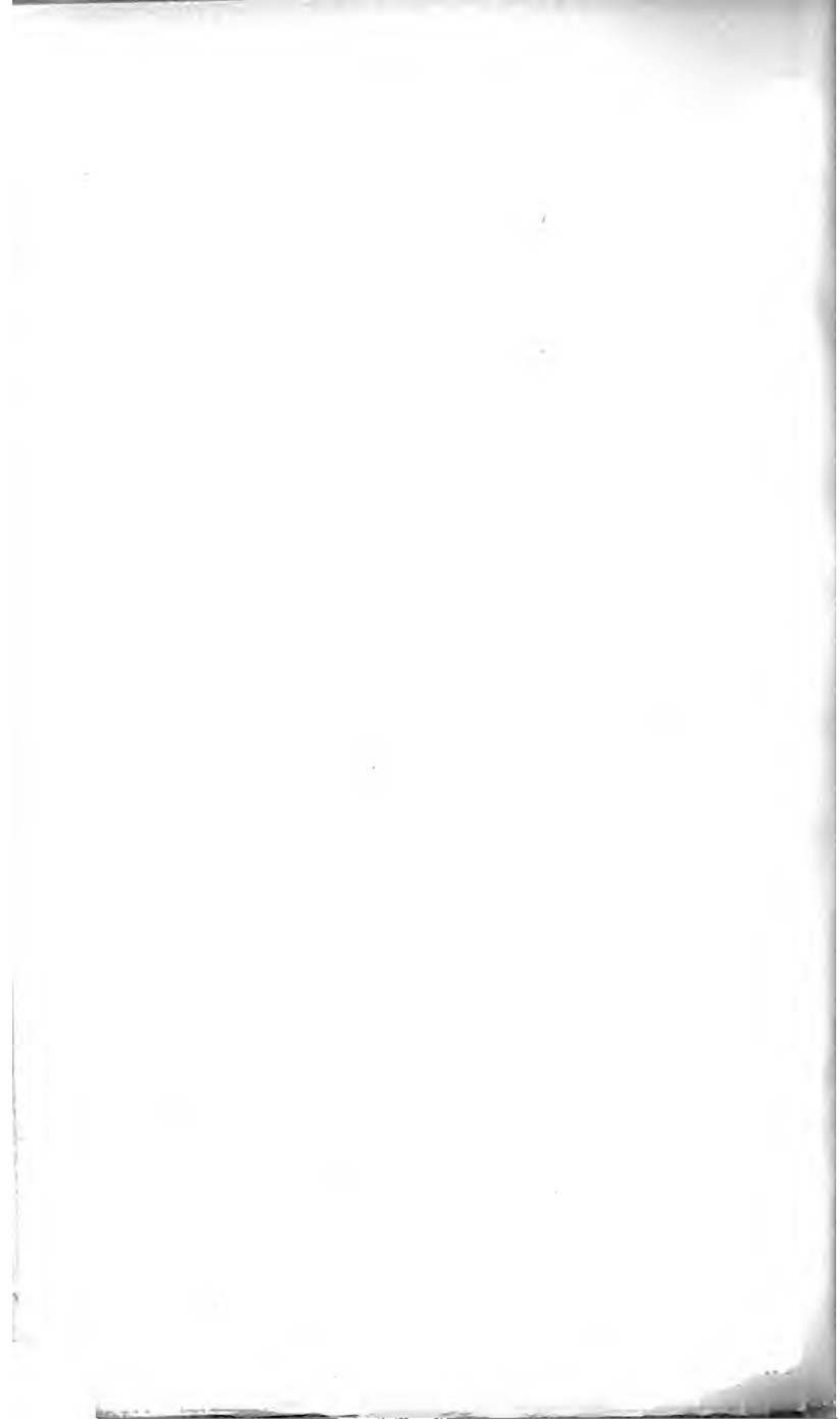
SAGRAMOR

Maldito sejas, Deus que torturas
Monstros do mar !
Sae das geladas cryptas escuras,
Ó doce Morte, vem-me buscar !

Anda buscar-me, surge de lá,
Do Misterioso...
Tem piedade, bem vês, não ha
Homem na terra mais desditoso...

UMA VOZ

Soffre submisso tua indigencia,
Com fome e nú...
Tem paciencia, tem paciencia,
Todos na vida são como tu...



IV

J'ai vu aujourd'hui la Gloire chez un marchand de bric-à-brac : une tête de mort couronné de lauriers en plâtre doré.

EDMOND & JULES DE GONCOURT.

LA GLOIRE. — J'ai cru longtemps en elle; mais, réfléchissant que l'auteur du *Laocoon* est inconnu, j'en ai vu la vanité.

ALFRED DE VIGNY.

On ne tourmente pas les arbres stériles
et desséchés; ceux-là seulement sont bat-
tus de pierres dont le front est couronné
de fruits d'or.

ABENHAMED.

O gabinete de trabalho de Sagramor. Pela janella aberta vê-se uma grande
cidade com suas torres, zimbórios e obeliscos...

SAGRAMOR

Sou feliz, meu amigo : a Gloria me deslumbra !
Meu nome vive ainda um pouco na penumbra,
Mas, em breve, verás como é que um nome humilha
Os limpidos clarões da estrella que mais brilha . . .
Tenho genio ! . . . Has-de ver . . . Quando eu passar nas ruas,
Serei levado em triumpho, entre palmas e flores,
E rainhas líriaes virão metter-se nuas
Em meu leito, a tremer e a suspirar d'amores !
Os proprios reis terão invejas venenosas,
Por me verem tão alto e tão perto de Deus,
Meus versos andarão nas boccas mais fermosas . . .
Has-de ver ! has-de ver . . .

CHRISTIANO, que tem ouvido Sagramor com
um sorriso ironico :

Lê-me uns versos dos teus . . .

Sagramor abre uma pasta de manuscritos d'onde tira duas largas folhas de pergaminho.

SAGRAMOR, lendo:

Depois do incendio, a cathedral ficou em ruinas...
Hera em vez de brocado... As lívidas aranhas
Fazem teias nas mãos das santas byzantinas...

No mosaico do chão medram plantas estranhas,
Frias plantas d'abysmo... A humidade sombria
Veste de bulor verde as columns e as peanhas.

Em frente d'um vitral, uma Virgem Maria,
Cançada e lirial como um luar d'agosto,
Com soluços acorda aquella ruinaria...

De estar sempre a chorar, tem dois sulcos no rosto,
Parece tysica, a morrer, a esmorecer,
E o seu olhar é um sino pallido, ao sol posto...

Sete espadas crueis dão-lhe um cruel soffrer,
Sem pedras, seus anneis conservam só o engaste,
Sua bocca de flor diz assim, a tremer:

«Meu filho, meu Jesus, porque é que me deixaste
«N'esta ruina sem luz, onde tudo apavora,
«Onde a lua é um phantasma e onde o sol é um contraste?

«Meu vestido de lhama é um farrapo agora,
«Sem gemmas, minha c'roa é uma lua a apagar-se
«E minha bocca, vê! um astro que descora...

«Já ninguem a meus pés vem humilde ajoelhar-se,

«Cirios, ninguém m'os traz, e doces orações
«Só tenho as dos ladrões que aqui veem acoitar-se.

«Ninguém me vem pedir amor, consolações,
«Balsamo e paz para os febris desasocegos,
«Sou agora, meu filho ! a *Virgem dos Ladrões* !

«Á força de chorar, sinto os meus olhos cegos...
«Eu que o refugio fui das almas soluçantes,
«Agora sou aqui refugio dos morcegos...

«Que miseria ! E que lindo altar que eu tinha d'antes !
«Ah !... os orgãos, o incenso, a myrrha e o rosmânico
«E os ciborios a arder, com olhos de diamantes !

«Uma coruja fez em meus braços um ninho...
«Amei-a (as c'rujas são aves bem desgraçadas !)
«E em meus braços criei-lhe as filhas com carinho...

«Mas a c'ruja, uma vez, vendo as filhas creadas,
«Fugiu com ellas... Ai ! todos fogem de mim,
«Só não fogem de mim estas finas espadas !

«Jesus ! meu bom Jesus ! meu Jesus de marfim !
«Tem dó de tua mãe ! Repara, vê : meus prantos
«São rosarios de dôr ; cada conta é um rubim !

«Tira-me, ó filho meu, d'este abysmo de espantos
«E leva-me p'ra onde, em vez de chuva e vento,
«Haja incenso, jasmíns, thuribulos e cantos !

«Tem dó de tua mãe ! tem dó do meu tormento !
«Ah ! leva-me d'aqui !... Porque é que não me abrigas,
«Tu que eras doce como um perfumado unguento ?

«Mas se é escripto que eu fique aqui, entre as urtigas,
«Dá-me ao menos, que eu estou, meu filho, a tiritar,
«Dá-me um manto! este meu é como os das mendigas...

«E dá-me aneis tambem, e uns brincos e um collar,
«Que os ladrões, muita vez, teem fome, coitadinhos!
«E não vêem ninguem a quem possam roubar...

«E dá-me flor's! Em vez de lhamas e de arminhos,
«Dá-me lirios nupciaes, myosotis côr do ceo,
«E rosas de tocar e a flor azul dos linhos!»

Assim Ella falou... mas ninguem respondeu...
Silencio... tudo em paz... a noite é negra e fria...
E Jesus? é um ingrato? ou dorme? ou já morreu?

E a noite é triste como a alma de Maria!
Voam morcegos, e, melancholicamente,
Passam phantasmas nos abysmos da arcaria...

Mas subito! o luar rompe, divinamente,
E, enchendo-se de côr no vitral de mil cores
Bate na Virgem-Mãe, miraculosamente;

Bate-lhe em cheio e põe-lhe aos pés cestos de flores,
Transforma em lhama astral seu cinto e manto antigos,
Dá-lhe brincos e aneis de fulvos resplendores!

Da Virgem-Mãe nos olhos leaes, leaes abrigos,
Canta a Illusão! E eil-a a clamar entre grinaldas:
— «Ó ladrões, ó ladrões, meus unicos amigos,

«Vinde, vinde roubar meus aneis de esmeraldas!»

Sagramor e Christiano dirigem-se para

a janelle, atraídos por um barulho estranho... Em baixo, na rua, a multidão insulta e apedreja um lindo moço d'olhos celestiaes...

SAGRAMOR

Quem será, Christiano, aquelle desgraçado
Que aquella multidão trata como um inimigo?
Repara bem, não vês? vae todo ensanguentado...
Que faria p'ra ter um tão duro castigo?
Roubou? matou alguém? E a multidão inquieta
Cada vez o enche mais de insultos viperinos...
Quem será? quem será?

CHRISTIANO

É um divino poeta...

SAGRAMOR

E o seu crime qual foi?

CHRISTIANO

Fazer versos divinos...

• •

O gabinete de Sagramor. Sobre a meza de trabalho uma jarra com lilazes, um busto de Homero, livros, manuscritos...


SAGRAMOR

O presente é-me hostil, cruel, mas o futuro
Saberá proclamar bem alto a minha glória,
E no bronze sonoro e no marmore duro,
Meu nome triumphará dos diluvios da historia!

Se agora os meus irmãos quasi ignoram que vivo,
Empenhados a urdir emprezas baixas, fatuas,
Os homens d'amanhã, n'um jubileu festivo,
Prosternados, irão beijar minhas estatuas!

O BUSTO DE HOMERO

Glorias!... ambição vã!... Vaidade das Vaidades!
Gloria... sonho infantil!... sonho!... Gloria... p'ra quê?
Querem ser minha mãe sete nobres cidades,
Toda a gente me applaude... e ninguem já me lê!



Sagramor está sentado no seu jardim, á sombra d'uma nogueira. Nos seus olhos, cheios de abandono, passam, de quando em quando, vivos relampagos de angustia. Arrimada ao seu bordão de pedinte, Sophia, velhinha corcovada e tropega, apparece ao fundo do jardim e acerca-se de Sagramor.

SOPHIA

Dizei-me, senhor, que espinhos
Vos estão a apunhalar...
Vossos olhos que são dois mar's illuminados
Por navios incendiados,
Vossos olhos, coitadinhos,
Estão já cançados de chorar...

SAGRAMOR

Velha Sophia, choro a ambição
Da Gloria, que me fugiu...
Meu viuvo coração
Morre de fome e de frio...
Ai! quantas ambições tenho visto fugir!
As Viagens, o Amor, o Oiro... e enfim a Gloria!

SOPHIA

Ouvi-me! Para vos distrair,
Vou contar uma velha historia...

N'um jardim onde os marmores pagãos
Tremiam, brancos, nos lagos,
E onde os amantes, dadas as mãos,
Passavam ledos permutando affagos,
Uma herva de folhas lastimosas
E tristes como a sombra d'um coveiro,
Nasceu entre os jasmins, as tulipas, as rosas
E os cravos d'um canteiro.

Herva mais triste do que as tardes n'um desterro,
D'aquellas flor's entre a vistosa multidão,
Par'cia, coitada! um dobre d'enterro
N'um domingo de procissão...

Os amantes a rir, como a semear sequins,
Passando p'lo canteiro, iam colher
Tulipas, rosas, jasmins
E cravos que eram boccas de mulher.
Mas a herva malfadada
Triste até mesmo quando o sol, d'oiro a vestia,
A herva desgraçada
Ninguém a colhia...

Porem, passaram tantos amantes
Que o canteiro ficou sem flores...
Tanta alegria d'antes!
E agora tantas dores...
E nunca mais os amantes
Passaram por ali, arrulhadores...

E a herva então começou a cantar
A cantar assim:

«Que lindo rompe o luar,
«Ninguém me lamente a mim!

«Bem desprezada fui, mas ai! que doce peso
«Me foi esse desprezo!
«Minhas irmãs, coitadas!
«Eram mais lindas que eu...
«Por isso foram cortadas,
«Comigo ninguém mexeu...

«Os amantes as deram ás amantes
«Que as puzeram nos seus flavíssimos cabellos...
«E as pobres flores cantavam hilariantes
«Em seus doirados castellos...
«Mas no outro dia — ai d'ellas!
«(Que triste morte p'ra tão frescas vidas!)
«Acordaram no lodo das viellas,
«Desprezadas, emmurhecidas...

«A belleza as matou, a belleza maldita
«Que acaba por morrer entre as mãos dos que enleia...
«Ah! como é doce ter a cara feia
«Quando a alma é bonita!

«Desprezada por todos,
«No desprezo encontrei a salvação;
«Em vez de andar por lodos,
«Aprendi a sentir os bens da solidão...
«Em vez de andar de rastros,
«Pisada e murcha, pelas lamas,
«Vivo serena, em paz, vendo as nuvens, os astros,

«A doçura do luar e o sol no poente, em chamma !
«E para cumulo
«Da ventura fiel que á minh'alma está presa,
«Guardo dentro de mim, como dentro d'um tumulo,
«O segredo da minha ignorada belleza...»

Quando, no fim do verão,
O sol se tornou mais pallido e loiro,
Morreu a herva desprezada... e viu-se então
Que tinha as raizes d'oiro...

V

FAUST: Habe nun, ach! Philosophie,
Juristerei und Medicin,
Und, leider! auch Theologie
Durchaus studirt mit heissem Bemüh'n.
Da steh' ich nun, ich armer Thor!
Und bin so klug, als wie zuvor...

GOETHE.

Um gabinete de estudo. Nas paredes severos armarios de carvalho do norte, cheios de livros e de collecções. Confusamente, sobre as mezas e pelo chão, montões d'infolios, manuscriptos, caveiras, machinas electricas, telescopios, microscopios, balanças de precisão, retortas, etc. A meio do aposento, uma banca enorme sobre a qual Sagramor folheia um livro de magia-negra, impresso, em caracteres gothicos, sobre pergaminho.

SAGRAMOR, fechando o livro:

Em que estação do anno é que estarei?
Que dia é hoje? Quantas horas são?
Não sei... não sei...
Tudo p'ra mim é treva e confusão...

Quando as almas são novas,
— Velhos poços cobertos de jasmins,
Quando as futuras covas
Parecem jardins,
Quando a aranha do desengano
Nos corações não tece ainda,
São quatro as estações do anno,
Qual a mais linda...

Primavera, verão, outomno e inverno
São quatro meninas
De olhar bem terno,
De mãos bem finas.

Os olhos d'uma são ingenuos firmamentos,
Os da segunda ruivos como a valeriana,
Os olhos da terceira são cinzentos
E os da quarta são negros, de cigana...

A primeira usa flor's rosadas,
A segunda flores de escarlata,
A terceira flor's d'oiro, desbotadas,
E a quarta flor's de prata...

E todas ellas,
Com mãos mais finas que as suas flores,
Derramam estrellas,
Estrellas e amores...

Abril — caramanchão de rosas de tocar,
Julho — castello d'oiro em poente de rubim,
Outubro — casa de convalescença á beira mar,
Dezembro — torre de marfim...

Em abril ama-se com a alma,
E em julho ama-se com a bocca;
Em abril nascem lírios na alma,
E em julho nascem cravos na bocca...
Em outubro ama-se com os olhos,
Em dezembro mata-se o frio com abraços;
Em outubro passa julho pelos olhos
E em dezembro vive julho entre os abraços...

E as quatro donzellas
Com mãos mais finas que as suas flores
Derramam estrellas,
Estrellas e amores

Nas almas que olham para as estrellas
Para as do ceo e para as dos amores.

Ai das covas, porem, que já não são jardins,
Ai das almas f'ridas pela dôr eterna !
Murcho o seu manto d'alvos jasmins,
A cisterna ficou o que é : uma cisterna !

A aranha do desengano
Põe-se a tecer nos corações
E já não ha quatro estações no anno,
Morreram as estações !
As estações conhecem-se p'las flores
E as almas tristes só vêem dores,
Que são rosas de todo o anno . . .

Maio e janeiro, outubro e agosto
É tudo o mesmo, é tudo igual :
Cae tanta neve em pleno agosto
Como na noite de Natal !

Ai pobres almas cheias de somno,
Tristes, á espera do somno eterno !
Ai tristes olhos cheios de outomno !
Ai tristes almas cheias de inverno.

Lançando um olhar de desdem para os
livros e instrumentos que o cercam :

Lí tudo ! Aprofundei as sciencias mais estranhas !
Meu fatigado olhar andou legoas e legoas
Nos livros que, em redor de mim, formam montanhas
E com os quaes travei um combate sem tregoas !
O vencido fui eu !

Desilludido emfim

D'esta vida, cravei os meus olhos na morte,
Julgando encontrar n'ella a Torre de Marfim,
A Meca espiritual dos meus sonhos sem norte ;
Enfasiado do Amor, da Gloria, das Viagens
E do Oiro, foi então que eu, cego entre os mais cegos,
Fiz no mar do Mystério inuteis, vãs sondagens,
Sem nunca o fundo achar d'aquelles fundos pegos !
Quiz saber tudo, quiz conhecer a Verdade,
Ancioso, interroguei theorias, cemiterios,
E afinal o que achei ? Vaidade, só vaidade !
Só treva e confusão ! Só nevoeiros e mysterios...
Nada, nada encontrou meu desejo insubmisso,
Que hoje se estorce e morre em doridos arrancos...
Passei annos a ler... e o que lucrei com isso ?
— Algumas rugas mais e mais cabellos brancos !
Ó Morte, ó minha astral, derradeira illusão,
És em mim como um astro a brilhar n'uma onda !
Quem és tu ? como és tu ? teus beijos como são ?

UMA VOZ ao longe:

Vae pedir, Sagramor, á Fé que te responda !

VI

Morrer . . . dormir . . . dormir ! sonhar talvez ! Ah ! Aqui é que está o embaraço. Pois que sonhos podem sobrevir n'aquelle somno da morte, depois de nos termos libertado d'este bulicio mortal ?

W. SHAKSPEARE.

Death, if thou be or be not, as was said,
Immortal ; if thou make us nought, or we
Survive ; thy power is made but of our dread,
Death, if thou be.

A. C. SWINBURNE.

Sunt lacrymæ rerum..

P. VIRGILIUS MARO.

Crepusculo. Sagramor caminha, vagarosamente, ao longo d'uma estrada.

SAGRAMOR

Fui-me deitar no regaço de Allah

E tive sede...

Fui-me deitar no regaço de Buddha

E tive fome...

Fui-me deitar no seio de Jesus

E tive frio...

Religiões, palacios no ar, veos d'incerteza,

Torres de fumo, torres de Illusão !

Só tu não mentes, só tu és clara, ó Natureza !

Ó Natureza és tu a minha religião !

Abraçando-se a uma arvore:

Minha irmã, minha irmã, que de dôr te desfolhas,

E sentes, qu'rendo andar, presos ao chão teus pés,

Porque estás a verter esse pranto de folhas ?

O que foste, o que foste antes de ser o que és ?

Cheio de pasmo, um Caminhante pára no
meio da estrada a observar Sagramor.

O CAMINHANTE

Pobres d'aquelles que andam na vida,
Na vida escura,
Com a divina razão perdida,
Como feras a uivar nas landes da loucura !

SAGRAMOR, sentando-se n'uma pedra :

Não sou um doido, não ! uma noite sem luar,
Um desnorteado ser . . . Anda sentar-te aqui,
E attentamente escuta o que te vou contar,
Se quer's ver como eu vi !

Caminhei, caminhei até deixar de ver
Zimborios, cathedraes, mirantes e balcões ;
Porem, ouvia ainda o cavo estremecer
Dos grandes carrilhões . . .

Carrilhões doidos ! Suas amplas badaladas,
Que, á meia noite, ou eram treze ou eram onze,
Iam atraz de mim, a correr p'las estradas
Com sapatos de bronze.

Caminhei, caminhei até deixar de ouvil-as,
E, quando emfim deixei, já longe, de as ouvir,
Detinha-me ao luar, sob as faias tranquillias,
Vendo as folhas cair . . .

Por um poente d'ambar verde e nevoeiro,
— Que linda tarde para a morte d'uma santa ! —
Entrei n'um burgo triste, arruinado e trigueiro
Como os da Terra-Santa.

Que ar de miseria, que ar de lucto e desconforto,
Que vozes tristes e que longes tão agrestes!
Chovia cinza... tudo vago, tudo morto...
Tudo sombra e cyprestes...

Que olhos cançados de chorar e olhar poentes!
Nas frentes virginaes que oiro baço e tristonho!
E eis o que eu vi, como se andasse nas dormentes
Ondulações d'um sonho:

Uma linda mulher — a estatua do socego —
Amamentava, brandamente, um cordeirinho,
E outra limpava os olhos doentes d'um cão cego,
Com farrapos de linho;

Todos andavam suavemente, mui suaves,
Com medo de magoar o lagedo do chão,
E um velho dava de comer a incautas aves
Na sua velha mão;

Creanças lirias, na pontinha dos dedos,
Lançavam beijos ás montanhas que morriam,
E davam-n-os tambem ás hervas, aos rochedos
E aos troncos que gemiam;

Pedras, arvores, cães, serpentes e cordeiros,
Todos viviam sob um doce veio d'affagos;
Ninguem apedrejava os chorosos ribeiros
Nem os pallidos lagos...

E eu contemplava aquelles grupos nada humanos,
De pasmo e de pavor n'uma baça embriaguez,
Como um homem que visse o mundo aos vinte annos
Pela primeira vez!

— «Filho de Babylonia (assim me disse o velho,
Que dava de comer na mão ás andorinhas),
«Dá graças ao teu Deus, pois tens enfim um espelho
«Na terra onde caminhas...

«Não é um sonho o que estás vendo com pavor,
«Desconfiado, a tremer, vestido de estranheza,
«Não é um sonho, não! este excessivo amor
«P'la triste natureza...

«Essas mulher's tratando os brutos como filhos,
«Esses homens que estão os troncos abraçando,
«E as creanças beijando as rochas e os junquillos,
«Vivem! não estás sonhando...

«A natureza, vê! é o inferno das almas:
«As arvores, as flor's, as penhas escarpadas,
«Os sapos ao luar, os vinhedos e as palmas
«São almas condemnadas!

«Por isso tu nos vês derramando carinhos
«P'los mineraes e pelas plantas infelizes...
«Soffrem mais do que nós as pedras dos caminhos,
«Os troncos e as raizes!

«Só Vaidade! A Virtude é uma palavra vã!
«Não julgues santa a caridade que exercemos:
«Somos bons para que nos façam amanhã
«O que agora fazemos!»

Calou-se o velho... E então segui o meu destino,
Por uma noite caliginosa, sem luar...
E da terra subia um lacrymoso hymno,
Tudo, tudo a chorar...

Noite. O Caminhante affasta-se, silenciosamente, de Sagramor, que fica a olhar, absorto, a paisagem em sombra, d'onde sobem para o ceo sem estrellas, mysteriosos murmúrios de dôr...

AS ARVORES

Ai de nós! ai de nós!... Inquietos vagabundos,
Inimigos da paz e da tranquillidade,
Deixámos pãe e mãe e fomos correr mundos
Em plena liberdade!

Sob as neves e o sol, corremos terra e mar,
Vimos Memphis, Carthago, Athenas e Sião:
Mas agora, ai de nós! não podemos andar,
Estamos presos ao chão!

Ai de nós! ai de nós, n'estes bosques sombrios!
Ó marinheiros, largae as bussolas e as sondas,
Vinde cortar-nos, transformae-nos em navios
E lançae-nos ás ondas!

OS RIBEIROS

Ai de nós! ai de nós! fomos uns indolentes!
Preguiçosos, sensuaes quaes feras levantinas,
Vivemos a dormir em leitos rescendentes
Com loiras concubinas!

Nosso paiz mais qu'rido era o paiz da Persia,
Vencidos p'la indolencia, andar era soffrer,
Mas agora, ai de nós! morreu a doce inercia,
Vivemos a correr!

Vivemos a correr — supplicio duro e eterno —
E nem sequer na morte adormecer podemos:

Ai de nós! ai de nós!... Vem gelar-nos, ó inverno,
Para que descancemos!

OS EXCREMENTOS DOS BOIS

Ai de nós! ai de nós! fomos umas vaidosas,
Tendo em conta sómente as galas ext'riores :
Vestimo'-nos de lhama e pedras preciosas,
De perfumes e flores.

Ó jardineiros, vede os prantos que choramos!
Vinde buscar-nos e lança-e-nos nos jardins,
Para que lá cheirosamente resurjamos
Em rosas e jasmíns!

OS JASMINS

Ai de nós! ai de nós! Fomos uns luxuriosos!
Subjugando-as com o nosso olhar violámos santas
E prevertemos creanças d'olhos melodiosos,
Franzinas como plantas.

Mordemos seios como quem devóra lírios,
Calcámos corações como quem pisa rosas,
E ensinámos subtis, ineditos delirios
Ás lubricas mucosas.

Mas agora, ai de nós! somos frios de gelo,
Embora infantas reaes, com perfis de legenda,
Nos aspirem, sensuaes, e ponham no cabelo
E em decotes de renda.

N'esses decotes, ai! que angustias exaltadas!
Soffremos, ai de nós! vencidos pelo frio,
Quaes paralyticos de boccas abrazadas
Com sede ao pé de um rio...

OS SAPOS

Ai de nós ! ai de nós ! ai de nós ! pobres reis !
Tivemos sceptro e manto, arminhos e diademas ;
Nossos dedos subtis vestiam-se d'anneis
Constellados de gemmas !

Nossos palacios tinham jardins, balcões archaicos,
Varandins sobre o mar, pharaonicos luxos :
A esmeralda e o rubim fulgiam nos mosaicos,
E cantavam repuxos !

Mandámos enforcar creanças e velhinhos,
Tremia a nossos pés a multidão, de rojo ;
Mas agora, ai de nós ! no escuro dos caminhos,
Causamos medo e nojo !

UM ROCHEDO

Ai de mim ! ai de mim ! Meu nome era Theodora !
Lasciva imperatriz d'olhos verdes, errantes,
Mandava assassinar, ao despontar d'aurora,
Meus pallidos amantes !

Meu leito nupcial par'cia o de um bordel,
Dormi n'elle com reis, bandidos e ladrões !
E que joias, que anneis que eu tinha !... e cada anel
Cheio de cabochões !

Das victimas o sangue, e os rubins — fulvo banho !
Tingiam de escarlate, as minhas mãos suaves...
Mas agora, ai de mim ! em vez de joias, tenho
O excremento das aves !

OUTRO ROCHEDO

Ai de mim ! ai de mim ! ai de mim ! ai de mim !
Heliogabalo eu fui ! amordacei o imperio !

Nenhum mau me venceu! Fui peor do que Cain
E peor do que Tiberio!

Martyrisei, matei, por gosto, heroes e poetas,
Da luxuria ensaiei os gosos derradeiros,
Mas agora, ai de mim! ferem-me as picaretas
Dos rudes cabouqueiros!

AS CISTERNAS SECCAS

Ai de nós! ai de nós! a indiff'rença nos mata!
Poetas, n'um terreal accesso de Vaidade,
Tangendo lyras de marfim, fomos á cata
Da Immortalidade.

Cantámos a mulher, os ruivos ceos de julho,
A doçura do luar e o amargor dos adeuses;
Mas um dia, ai de nós! subjugou-nos o orgulho
E julgámo'-nos deuses!

Ai! agora, pagando esse orgulho profundo,
Nem já vemos com suas urnas as donzellas!
Evaporou-se a agoa e temos cá no fundo
Pedras em vez d'estrellas!

MUITAS VOZES

Ai de nós! ai de nós! pobres almas doridas!
Senhor! fazei cessar nosso martyrio atroz!
Ai de nós! ai de nós! estamos cheias de f'ridas!
Ai de nós! ai de nós!

SAGRAMOR

Senhor! Senhor! Senhor! em que será mudada
Minha alma pisada e rôta como um trapo?
Em arvore? em ribeiro? em cisterna entulhada?
Em rochedo ou em sapo?

Senhor ! encaminhae meu coração de poeta,
Tirae d'elle, Senhor, toda a herva ruim,
E não me transformeis em coisa vil, abjecta...
Ai de mim ! ai de mim !

• •

Crepusculo. Extenuado, cheio de pó, Sagramor descança á beira d'uma fonte-sinha rustica. Ao fundo, os altos muros d'uma tapada real onde cantam repuxos e pavões...

SAGRAMOR

A alma de Amarú passou por cem mulheres
Antes de o animar,
Por isso nunca mais entre os humanos seres
Houve canto d'amor que dos seus fosse a par...
Como á fôrma da urna o liquido se ageita,
Assim a alma se ageita ao corpo em que se asyla :
Ora se expande, altiva, ora se encolhe e estreita,
No homem, no crystal, na arvore e na argila...
Dos corpos onde passa os instinctos conserva
Qual vinho que apprehende os aromas da urna :
Se foi cypreste antes de ser rasteira herva,
Essa herva será sinistra e taciturna...
Assim, ás vezes, é luxuriosa e casta,
Doce como Jesus e má como os ladrões :
Tal como a viração que, ao mesmo tempo, arrasta,
O cheiro dos jasmíns e o das putrefacções !

Se a minh'alma acordasse, o que é que me diria
Dos corpos em que andou, das terras que correu ?
Mas cançada de andar, de andar de noite e dia,
Caíu dentro de mim, caíu e adormeceu...

Se a minh'alma acordasse, o que é que me diria
Dos homens e regiões que o tempo sepultou ?
Mas se agora desperta, a pobre ! desvaria,
Já não se lembra, não ! das cousas que passou...

Se a minh'alma acordasse, o que é que diria ?

A ver se emfim a acordo, os cabellos lhe puxo,
Mas ella continúa em funda lethargia...
Chama ao longe por mim a alma d'um repuxo...

Se a minh'alma acordasse o que é que me diria ?

Saindo d'uma azinhaga e encaminhan-
do-se para a fonte, apparece uma donzella
d'olhos azues. Uma das suas mãos espreita
graciosamente para dentro da urna que lhe
pésa no quadril.

A DONZELLA

Boas tardes, senhor...

SAGRAMOR, depois de a fitar longamente:

Que decreto de Deus,

Que brumoso dictame
Me obriga a não tirar os meus olhos dos teus
Embora te não ame ?

Não te amo, não ! montes de neve nos separam,
Não me possues !
Os meus olhos, porem, não se cançam, não param
De olhar os teus, azues...

Os meus olhos nos teus são dois mergulhadores,
 Buscando, em lago triste,
 Um thesoiro real de ardentes resplendores
 Que não existe...

Nada encontram!... porem, não se arredam de lá,
 A procurar em vão...
 Não cessam de te olhar... Que mysterio haverá
 N'esta attracção?

Que mysterio! A nossa alma é um cerrado nevoeiro,
 Onde ella propria se perde...
 Quem sabe lá? Talvez eu já fosse um salgueiro
 E tu um lago verde...

*A donzella afasta-se, furtivamente, de
 Sagramor, como de um doído.*

CORO DE VOZES FEMININAS

As agoas não podem voltar para traz,
 Por isso lá correm cheínhas de magoas...
 Andemos de manso, por estradas de paz,
 Cautella! cautella! que os dias são agoas...

*Entre as suas aias, encaminhando-se para
 a tapada, apparece uma Princesa real.*

SAGRAMOR

Ó mais alva que o leite e mais gracil que as palmas,
 Luz dos saraus reaes, raiva de imperatrizes,
 Se passas, musical, teus olhos pisam almas,
 Como eu piso no chão as folhas e as raizes...

O coração que tens é como certos cumes
 Sempre cheios de neve e onde ninguem subiu;
 Dos teus brocados são bem doces os perfumes,
 Porem a tua bocca é um incendio que faz frio!

Por isso eu te consagro um silencioso culto,
Eu que só amo o que não deveria amar,
E vou atrás de ti, sem que vejas meu vulto,
Como também não vês a tua sombra ao luar...

Ai de ti, neve em flor! se um dia me adorasses,
Se acolhesses, piedosa, os meus ruivos desejos!
Uma hora depois, embora supplicasses,
Fugiria de ti, saciado dos teus beijos...

Caminha, pois, levando ingenuas almas presas,
Quaes folhas presas do teu manto ás sedas lisas,
Calcando-me, cruel, sem saber que me pêsas
Como não pensas nos tapetes, quando os pisas.

Mas... ver-té-ei a sonhar?... será illusão louca?
Não!... não foi a illusão que me fez desvairado...
Vendo agora de perto essa ironica bocca,
Tive a estranha impressão de a ter já osculado!

E o teu cabelo, joia! o teu cabelo loiro!
Não! não é illusão! não penso em desatinos!
Teus cabellos reaes já me vestiram d'oiro,
E os teus dois braços já me engrinaldaram, finos!

Succede muita vez que as almas vagabundas
Andam de corpo em corpo, em corpos semelhantes,
E assim, fonte lunar que com desdens me inundas,
Deslumbras-me hoje qual me deslumbraste d'antes!

Não! não é illusão! E agora recomponho
Essa scena d'amor que eu já esquecido tinha...
Não! não é illusão! não me perturba um sonho...
Desterra os teus desdens... porque já foste minha!

Teus beijos musicaes de velludo vermelho,
Sei-os inda de cór, ouço-lhes a cantiga,
Tal como na memoria apagada d'um velho
Passa, ás vezes, a voz d'uma musica antiga!

A Princeza e as suas aias entram na tapada.

O CORO, ao longe:

As agoas não podem voltar para traz,
Por isso lá correm cheinhas de magoas...
Andemos de manso, por estradas de paz,
Cautella! cautella! que os dias são agoas...

Junto de Sagramor, passa uma rapariguinha esfarrapada e descalça, mas estranhamente linda, conduzindo uma vara de porcos.

SAGRAMOR

Abençoada pobreza essa que me faz ver,
Pelos buracos do teu manto,
Do teu corpinho doente o prestigioso encanto,
Meu lindo e fragil ser!

Não fôras pobresinha como és,
Tão pobresinha como o meu desejo,
Ai! não veria, como agora vejo
Descalços, os teus pés...

Cobrem as outras com velludos e escumilhas
Seus corpos sem frescor e sem requinte,
Tu, p'lo contrario, ó linda pedinte,
Em farrapos escondes maravilhas.

É para ti um sol qualquer moeda de cobre,
Bizarra flor que na immundicie medras...
E ai! que tristeza a dos teus pés nas pedras!
Bem se vê que os teus pés não são de pobre...

E as tuas mãos! Quando ellas virem joias finas,
Dos joalheiros nas montras esbrazeadas,
Devem par'cer velhinhas engelhadas,
Vendo as bonecas com que brincaram quando meninas...

E guardas porcos!... Mas que encanto se debuxas
Um gesto no ar!... tão lindo que eu não sei...
Talvez tu sejas filha d'um rei,
Talvez tu fosses roubada p'las bruxas...

E atraz dos porcos, vaes a fiar, ó pobresinha,
Magrinha como um espectro...
E o teu fuso parece em tua mão um sceptro!
Ah! bem se vê que já foste rainha...

A guardadora de porcos desaparece no
crepusculo... A noite cae, sinistra e silen-
ciosamente, sem um astro...



Noite formosíssima de junho: vespera de S. João. Ao longe, n'um povoado, alegres descantes e alegres sinos... Sagramor está sentado á porta d'um cemiterio rustico, em cujos cyprestes cantam rouxinoes maviosissimos...

SAGRAMOR

Descorçoado da vida,
Á morte fui pedir o affago d'uma esp'rança,
Atraz da qual fosse minh'alma dolorida
Como um ceguinho atraz d'uma creança...

Se uma vida melhor na morte nos espera
É já muito menor d'esta vida a amargura:
Que importa lá que a noite d'hoje seja escura
Se o dia d'amanhã nos fôr de primavera?

E atraz d'essa illusão, d'esse almejado bem
Puz-me a chamar Jesus, Mahomet e o calmo Buddha,
Fui a Meca, ao Indostão, fui a Jerusalem...
E a bocca da Verdade eternamente muda!

Um paraíso vi de huris, doirado e vão,
Um outro de anjos de sorrir gelado
E um terceiro de paz, silêncio e quietação...
Mas uma Esphinge atroz ria, ao ver-me pasmado...

Ria e clamava assim, deitada como os leões :
«*P'ra violar o Mysterio, em vão, em vão te abraças !*
«*Filho da Treva, vaes á cata de clarões,*
«*Queres voar ! voar ! voar ! e não tens aças !...*»

Mas então vi erguer-se uma torre gigante
Ao pé de mim,
E uma voz escutei, prophetica e vibrante,
Que me dizia, lá de cima, assim :

«*Fiquem cegos os cegos,*
«*Se a cegueira lhes dá desmaios de prazer...*
«*Mas tu que soffres em crueis desasocegos,*
«*Abre os teus olhos para ver !*
«*E os cegos fiquem cegos...*

«*Vamos, sobe ! os degraus da torre são floridos*
«*E lá de cima aclaram-se os mysterios,*
«*Comprehendem-se da Esphinge os tragicos gemidos,*
«*Tornam-se de crystal theorias, cemiterios...*
«*Vamos, sobe ! os degraus da torre são floridos !*

«*Lá de cima ouvirás o soluçar das cousas,*
«*Verás as formas mil dos corações errantès :*
«*Ophelia e Beatriz transformadas em rosas,*
«*Magdalena a chorar nas fontes soluçantes...*
«*Lá de cima ouvirás o soluçar das cousas...*

«*Lá de cima verás a origem da tua alma,*
«*Suas transformações, suas metempsychoses,*

«Como animou o heroe, a flor, o tigre e a palma
 «Até se transformar em urna de nevroses...
 «Lá de cima verás a origem da tua alma...

«Lá de cima verás bem clara a tua dor,
 «Alma cheia de fel, ó alma expatriada
 «Como um homem do pólo em terras do Equador,
 «Como arvore do Egypto em planicie gelada...
 «Lá de cima verás bem clara a tua dor...

«Vamos, sobe os degraus! Já vae alta a manhã...
 «Vamos! e pede ás Concordancias que te contem,
 «Que te contem o que é que serás amanhã
 «E te digam tambem como existias hontem...
 «Vamos, sobe os degraus! Já vae alta a manhã...»

Á torre me elevei! e julguei, lá de cima,
 Que realmente a alma, a mysteriosa! é uma
 Borboleta a voar, que um corpo e outro anima,
 Hontem poeta a sonhar, hoje floco de espuma.

Levantando no ar um facho d'apparencias
 Crendo-me livre emfim de grilhões e cadeias,
 Na nevoa julguei ver virginaes transparencias,
 E na noite sem luar quinhentas luas cheias!

Das cidades em pó no pó sombrio e vão
 Julguei ver da minh'alma os passos já sumidos,
 Nas palavras de Job sua resignação,
 E nos poemas de Ovidio os seus tristes gemidos...

Mas a Duvida emfim, que estivera a dormir,
 Veiu abraçar-me mal despertou...
 E então a Esphinge, com um tragico sorrir,
 Assim falou:

*«Vae descançar! em vão corres como uma lebre
«P'ra alcançar a Verdade, ó pobre aventureiro!
«Vae dormir! vae dormir! o somno tira a febre...
«A tua alma é uma cega e a Morte é um nevoeiro!»*

E agora?... Agora, a mesma dôr cruel,
As mesmas ancias, a mesma insomnia, o mesmo alarme...
Repellido p'la Vida, a Morte me repelle...
Onde acoitar-me?



VII

Quare non in vulva mortuus sum, egressus ex utero non statim perii?

LIVRO DE JOB.

Tarde de nevoeiro... Deitado de bruços, embrulhado no seu manto em farrapos, Sagramor dorme no alto d'um rochedo talhado a pique sobre um abysmo, no fundo do qual rugem agoas raivosas...

SAGRAMOR, acordando:.

O meu ultimo amigo, o Somno, foi-se embora...

Ah! como fôra bom dormir um anno inteiro!

Sinto frio na alma!... Acordei ainda agora

E já distingo além o Tedio, o meu coveiro...

— Olá, coveiro! então vae adeantada a cova?

Não te esqueças de mim, tem dó da minha sorte,

Estou morto por dormir n'essa almejada alcova...

Vamos! não pares, não...

Como será a morte?

Custará a morrer?

Que frio interior!

Julgo que ha na minh'alma uma janella aberta

E lá fôra o tufão e o sinistro clamor

De cem lobos a uivar n'uma lande deserta!

Deixei traçado o meu caminho

Com o sangue dos meus pés mortificados,

E o meu manto real de purpura e de arminho,
Todo golpeado de rasgões,
Roubaram-m'ò as silveiras, aos bocados...
Minhas irmãs — as minhas illusões,
Cançadas p'las viagens,
Morreram uma a uma,
Em afflictas paisagens
Cheias de bruma...
Dei-lhes sepulchros onde puz violetas
E cruzes pretas: desgraçado fim!
Vêde que estranha procissão de cruzes pretas
Eu trago atraz de mim...

Eram ellas que por atalhos e alamedas,
Eram ellas que me levavam para um cume
Que eu nunca vi...
Sem guia, como hei-de ir agora p'las veredas?
Cheio de frio, onde encontrar um doce lume?
Deitei-me aqui e morrerei aqui...

Quando eu era ditoso
Tinha uma fruta, inveja dos pastores,
Cujo falar melodioso
Adormecia minhas leves dores...
Mas hoje como adormecer com trovas
A minha dor infanda?
Meus dedos, á força de abrirem covas,
Já não sabem correr na fruta branda...

D'antes, sabia muitas rezas,
E, se as dizia,
Fugiam todas as tristezas,
Todo o mal fugia...

Mas hoje como afugentar meus ais feridos,
Cordeirinhos f'ridos pelas solidões?
Os meus beiços, á força de gemidos,
Esqueceram todas as orações...

Não sei cantar, não sei rezar,
Já não sei rezas nem cantigas,
As rezas suaves, as doces cantigas...
Já nem sei chorar, já nem sei chorar!

Que musica de dor anda no ar cinzento,
Que afflicta musica de dores!
Ais de creanças dormindo aos relentos,
E das esposas dos jogadores...
Ais de ceguinhos perdidos por ermos,
De grandes Rainhas que estão na pobreza,
De noivas trahidas, de velhos enfermos...
Tristeza... Tristeza...
E o ceo é todo feito de saudade,
De dobres d'enterro magoando as aldeias,
De lindas almas de donzellas feias,
D'almas de virgens que vão ser freiras contra vontade...
E a terra, olhando o ceo crepuscular,
É como a viuva d'um criminoso a desdobrar
Com mãos de cera o seu vestido de noivado,
Muito velhinho, todo desbotado...

O nevoeiro é cada vez mais intenso.

Onde estaes, onde estaes, doces dias azues?
Chove cinza em minh'alma e os seus balcões absortos
Olham sobre extensissimos paues
Todos coalhados de mortos...
Tudo está paralytico e suspenso...

O que estará p'ra acontecer agora?
 Andam phantasmas entre o nevoeiro denso
 E os sinos chamam uns p'los outros, de hora em hora...

Os sinos chamam uns p'los outros, de hora em hora,
 A tremer de pavor, como fracos meninos...
 Quem andar  a maltratar os sinos?
 O que estará p'ra acontecer agora?

E o Tedio cada vez me martyrisa mais!
 Emalde a minha bocca   uma nascente d'ais,
 Emalde ameaço, emalde clamo, emalde grito,
 Emalde insulto o ceo n'um esbracejar afflicto,
 Emalde cuspo no ar maldições infernaes:
 O Tedio cada vez me martyrisa mais!

Desejar!... Desejar o quê, se nada amo?
 O que hei-de desejar? E gemo e tremo e clamo
 Sem um desejo ver que a minha alma attraia...
 E o Tedio   para mim uma deserta praia
 Onde o oceano, a uivar anathemas e adagios,
 Vem trazer, rugidor, restos de mil naufragios...
 O Tedio, que me crucifica e me consome,
 Minha alma prendeu n'uma Torre de Fome!

No nevoeiro apparecem, de subito, es-
 tranhos quadros dissolventes, onde passam
 cançadas e melancholicas figuras.

SARDANAPALO, vestido de mulher, passeando
 no mais alto terrasso do seu palacio:

Ser mulher!... Ser mulher!... eis todo o meu desejo!
 Emalde me effemino e me visto de aromas,
 A minha bocca fere as donzellas que beijo;

Tenho barba, aí de mim ! e olhae : não tenho pomas !
 Piso rosas no chão, durmo com cem donzellas,
 De repuxos mandei fazer uma avenida,
 O meu banho é prateado, á noite, p'las estrellas,
 Mas a chuva do Tedio alaga a minha vida !

BELKISS, passeando, resignadamente, no jardim real de Sabá :

Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar,
 Foi cheia de luxuria a minha estranha boda ;
 O sabio Salomão, que eu fôra visitar,
 Desde a cabeça aos pés, beijou-me toda, toda !
 Tenho em gaiolas d'oiro as mais bizarras aves,
 Possúo mil aneis, perfumes, pedrarias,
 Porem, n'este jardim, entre arbustos suaves,
 A cicuta do Tedio envenena-me os dias !

SALOMÃO, aborrecidamente sentado no seu sumptuosissimo throno flanqueado por leões d'oiro massiço :

Tudo é meu, tudo é meu desde Thapsa até Gaza !
 Tenho no meu harem trezentas concubinas,
 Fiz um templo que, ao sol, mais do que sol abraza,
 Muralhas levantei, aqueductos, piscinas . . .
 Violei Belkiss, cujos olhos são atlanticos,
 E Vaphres, mais delgada e esvelta que uma palma,
 Componho, ao doce luar, parabolos e canticos,
 Mas a sombra do Tedio ennegrece-me a alma !

CLEOPATRA, cingida por uma tunica immaterial e fulgurante como um zafmph, acariciando Antonio e bebendo um precioso vinho, á flor do qual nadam perolas.

Entre bellos tritões e nereides incautas,
 O Cydnus subi n'um barco d'oiro e diamantes :

Cada remo seguia a cadencia das frautas
 E cercava-me um veo d'aromas inebriantes...
 Ensaio com Antonio as mais raras luxurias,
 Bebo em vinhos astraes perolas e sardonias,
 Mas, ao adormecer, entre sedas purpureas,
 Vem deitar-se comigo o Tedio e dá-me insomnias !

CALIGULA, vestido de Venus, os cabellos or-
 valhados d'oiro, contemplando com enfado
 as danças que os seus escravos executam
 ao som das harpas e das flautas :

Atravesei o mar n'um soberbo cavallo,
 Levei o amor lascivo aos maior's exaggeros,
 Perante a minha estatua, o mais pobre vassallo
 Sacrifica faisões, pavões, phenicopteros;
 Ao meu Itacus dei eburnea mangedoura,
 Violei minhas irmãs, bebi até cair,
 Mas na minh'alma o Tedio anda a passeiar agora
 E os seus passos fataes não me deixam dormir !

GILES DE RAIS, com as mãos tintas de sangue:

Eu sou Giles de Rais, vampiro dos vampiros,
 Minha opulencia faz a admiração do globo;
 Os meus dominios são florestas de suspiros,
 Que as mães sóltam, pranteando os filhos que lhes roubo !
 As creanças que violo, a uma sentina as lanço,
 Depois de as torturar com punhaes e alabardas...
 Porem, do Tedio a aranha enorme, sem descânço,
 Veste o meu coração com suas teias pardas !

FREI GIL DE SANTAREM, cingido por uma si-
 marra negra, passeando á beira do Sena,
 onde se miram as torres e zimbórios de
 Lutecia :

Deixei o meu paiz d'agoas e lorangeiras,
 Onde eram sem encanto e estagnados meus dias ;

Em Toledo encontrei sinistras feiticeiras,
Com as quaes aprendi evocações, theurgias ;
Do meu laboratorio é sempre aberta a porta
Ao Diabo que me deu um poder sem igual,
Mas ai ! meu coração é uma negra retorta
Onde o Tédio distilla o seu licor mortal !

O REI LUIZ II, vestido de Lohengrin, passando
melancholicamente, á flor d'um lago mys-
terioso, n'uma gondola puxada por um
cysne branco.

Extactico Lohengrin d'armadura argentina,
Um cysne leva minha gondola p'los lagos ;
Rei-Virgem, trago um lis na minha cota fina
E jamais á Mulher pedi beijos e affagos ;
Wagner leva-me a ver maravilhosos mundos,
Onde moram Wotan, Brünnhilde, Isolda e Freya,
Mas o Tédio, a meu pés, abre abysmos profundos
E o Suicidio, lá no fundo, é uma sereia !

BAUDELAIRE, n'um jardim de flores veneno-
sas, empurrando um carrinho de rodas,
bude vae a sua amante, uma triste malaba-
reza paralytica :

Entre hallucinações incoherentes d'haschich
D'uma gigante aspiro aos beijos immortaes ;
Os aromas me dão torpores de beliche
E n'um esquife divago em marmoreos canaes...
Oiço rios de spleen no olhar fundo e distante
Da que adoro... Mas ai ! do Tédio a mão polar,
Fez a minha alma irmã da minha pobre amante,
Pobre flor do Indostão, transida, a ver nevar !

Harpás distantes balbuciam uma do-
rida musica de saudade. Vagamente appa-
rece o phantasma branco de Cecilia.

SAGRAMOR

Ó carinhosa, ó tímida, ó celeste,
Ó maior de Todas !
As rosas que tu me deste
Murcharam todas, murcharam todas !

Como nós fomos candidos e puros,
E que beijos de seda os teus e os meus !
E que sonhar de lípidos futuros
Tão cheios d'ouro que par'ciam ceos !
E o mar a nossos pés !... E, ás tardes, os navios,
Partindo solemnes como cathedraes...
E os nossos, que lindos ! que lindos navios !
Partiam tambem... mas p'ra nunca mais...
Depois... nem sei como isto foi... fugiu,
Fugiu de nós aquelle amor de jaspe e luar...
Talvez fugisse n'algun navio,
Que as frestas da prisão deitavam sobre o mar...

Abandonei-te... E a caminhar, meu lírio loiro,
Via-te sempre na despedida, timorata :
P'las costas, toalhas d'ouro,
P'lo rosto, rios de prata...

Já longe, ouvi a tua voz humilde como a herva :
«*Espera, contigo irei por caminhos d'abrolhos,*
«*Se não me tens amor, serei a tua serva,*
«*Com toalhas d'ouro alimparei teus olhos...*»
E eu respondi : «*Não venhas, não, meu lírio loiro...*»
E tu ficaste hirta, medrosa, timorata :
P'las costas, toalhas d'ouro,
P'lo rosto, rios de prata...

E Babylonia appareceu-me alta e flammante

Com seus zimbórios, seus obeliscos d'heresias,
Com bandeiras a arder em jardins do Levante
E leões a dormir pelas escadarias...
Na velha cathedral
Negra e massiça,
A Luxuria dizia missa
Em grande pontifical.
E, pelas ruas, andavam nuas
Lindas mulheres, vendendo beijos;
Pallidas, nuas, par'ciam luas,
Luas aos beijos!
Os sinos todos riam na altura,
Em convulsões,
E a illuminar a noite escura
Ardiam piras de corações.

Adormeci... dormi... sonhei... Sete rainhas
Iam passando em seus andores,
Entre incensos e ladainhas,
Cheias de joias, cheias de flores.
E mal me viram, com doce geito,
Desceram todas dos seus andores
E entraram todas para o meu peito,
Cheias de joias, cheias de flores...
E o meu peito brilhava mais
Que o teu cabelo:
Tinha no peito sete estrellas infernaes,
— Um sete-estrello!
Depois... ao despertar, mirei-me n'um prateado
Ribeiro e estremeci! ó flor de mãos inermes!
— Sobre o meu peito de crucificado
Uma f'rida vertia sangue e vermes!
Ao pé de mim, em fria escarpa,
Soffria uma donzella ensanguentada

Tendo nas mãos virgínicas uma harpa
 Partida e desdoirada...
 Pobre donzella... estava leprosa!
 Seu corpo, pelo qual tinham luzido adagas,
 Tornára-se uma coisa ignobil, monstruosa,
 Um jardim de chagas!
 De pus, tinha na bocca uma doirada flor,
 E em cada seio um cancro — um profundo vulcão:
 As suas damas d'honor
 Eram as moscas da podridão...
 E eu perguntei-lhe: *Quem és tu que assim padeces,*
Martyr sem palma?
 E a triste respondeu: *Pois quê, já não conheces*
A tua pobre alma?

E poz-se a chorar... E quando uma estrella,
 A estrella da tarde raiou nos espaços,
 A pobre donzella
 Morreu-me nos braços.

Abri uma cova cá dentro e enterrei-a,
 Depois de beijar-lhe os cancos e as f'ridas...
 Rompeu o luar... e a lua era cheia
 De cancos e f'ridas...
 E os meus olhos viam, da nevoa entre as dobras,
 Mãos que me agarravam com aduncos dedos,
 Nas arvores — forcas, nos ribeiros — cobras,
 Nas estrellas — chagas, feras nos rochedos...

Ai! foi então, meu lírio loiro,
 Que me lembrei de ti, humilde e timorata:
 P'las costas, toalhas d'oiro,
 P'lo rosto, rios de prata...
 Ai! quem me dera voltar atraz

Ao tempo que nos chora com seus echos!
Ai! quem me dera colher um lilaz
Em vez de picar-me nos cardos seccos!
Ai! quem me dera regressar á paz antiga
E amar-te com um amor de jaspe e luar...
Mas tu deves ter muito somno, minha amiga,
E eu não tenho cama para te deitar...
E tu deves ter muita sede, minha amiga,
E eu não tenho agoa para t'a matar...

Ai! o que fomos e o que somos! Ai! agora
Nem sombra somos do que fomos, lirio loiro,
Embora eu tenha ainda a voz e o olhar d'outr'ora
E em tuas costas brilhem ainda toalhas d'oiro...
O que é que fomos?
— Dois namorados de lindos olhos, linda voz,
Que perpassaram a colher cravos e a colher pomos
Juncto de nós...

Caem ao longe, fatigadamente, as tres
badaladas do *angelus*.

Ouves o *Angelus*, amiga?... Vae-se o dia
E os sinos clamam como labios desgraçados...
Ai! rezemos uma *Ave-Maria*
Por alma dos dois namorados...

O phantasma de Cecilia começa a diluir-se, a apagar-se, até que desaparece de todo. P'lo rosto de Sagramor correm brilhantes lagrymas.

De repente, começa a ouvir-se um murmurio de vozes que se approximam.

PRIMEIRA VOZ

Ó peregrino que estás chorando,
Porque é que choras?

Anda comigo : rirão cantando
As tuas horas.

Anda, não tardes ! Eu sou o amor,
Quero dar azas aos teus desejos !
Por lindas boccas — taças em flor,
Beberás doces, macios beijos !

SAGRAMOR

Beijos?... Os beijos, vertigens loucas,
Venenos são !
Desfolham rosas por sobre as boccas
Mas abrem chagas no coração...

SEGUNDA VOZ

Aquí tens oiro, mancheias d'oiro,
Toma! não chores...
Com os ducados d'este thesoiro
Terás palacios, joias e flores...
Repara, vê
Como o oiro é flavo, como o oiro explende...

SAGRAMOR

Oiro?... p'ra quê?
A F'licidade ninguem a vende...

TERCEIRA VOZ

Porque é que soltas queixas magoadas
Com tão sombrio, dorido modo?
Vamos ! faremos lindas jornadas...

SAGRAMOR

Pequeno é o mundo... já o corri todo...

QUARTA VOZ

Eu sou a gloria, genio jocundo
Do radioso paiz solar...
Serás o poeta maior do mundo!

SAGRAMOR

Dizem que o mundo deve acabar...

QUINTA VOZ

Serás um sabio: da minha estancia
Verás em breve tudo aclarado!

SAGRAMOR

Se eu conservasse minha ignorancia
Jamais me vira tão desgraçado...

SEXTA VOZ

Eu sou a morte conquistadora,
Mãe do mysterio, mãe do segredo...

SAGRAMOR

Oh! não me leves! Oh! vae-te embora!
Tenho-te medo!

SETIMA VOZ

Eu sou a vida! Já que o morrer
Te causa medo, dar-te-ei mil annos!

SAGRAMOR

Por Deus! Já basta de atroz soffrer,
De desenganos!

MUITAS VOZES

Pede os mais raros, doces prazeres!

Queres ser estrella, queres ser rei?
Vamos, responde!... dize, o que queres?

SAGRAMOR

Não sei... não sei...

Silencio e treva...

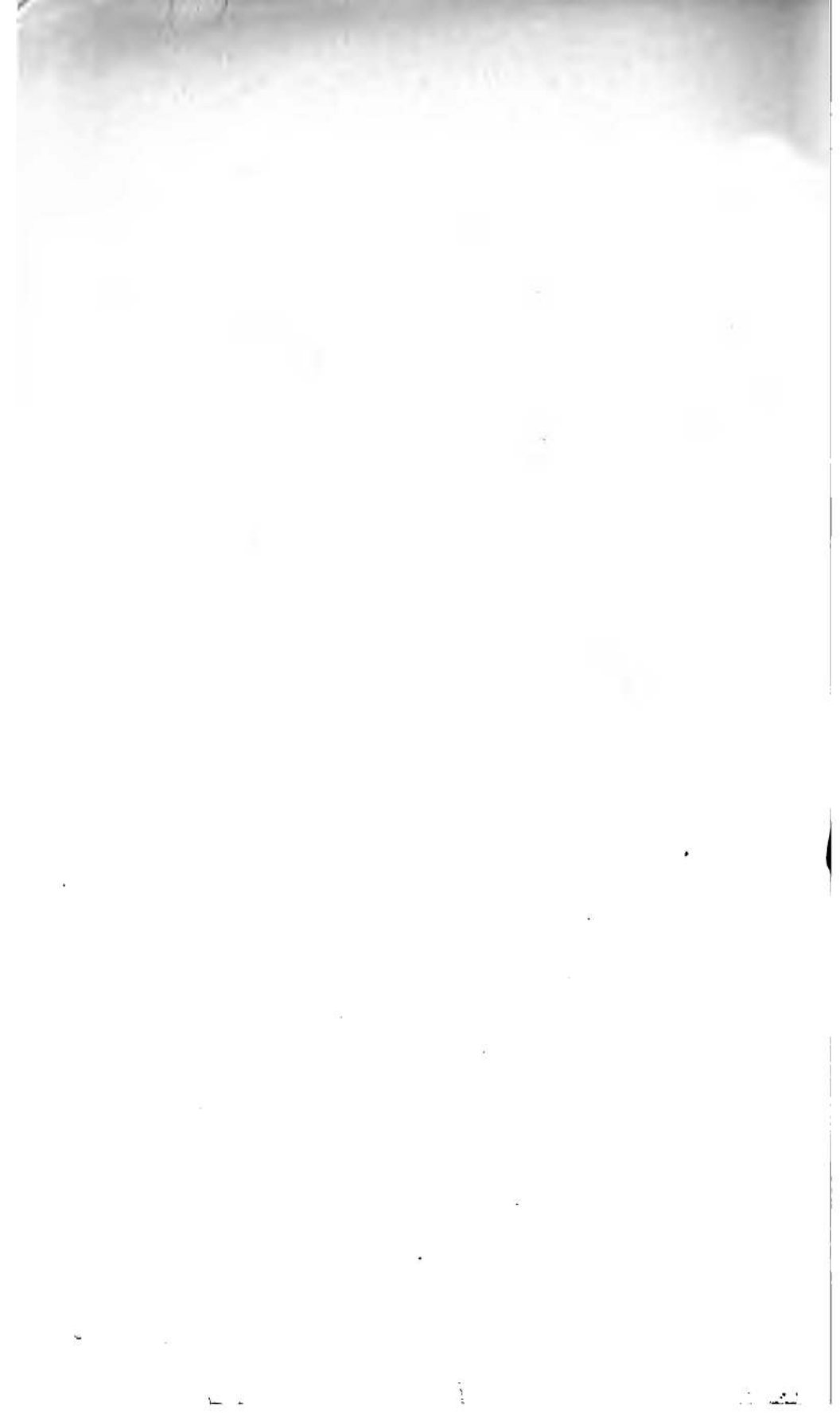
Coimbra,
setembro de 1894—fevereiro de 1895.





ERRATA

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
11	13	comtigo	comvosco
11	13	vês	vêdes
47	4	despertando	acordando
47	10	Desejas	Desejar
51	19	n'esse	n'um



ACABOU DE IMPRIMIR-SE
ESTE VOLUME AOS QUA-
TORZE DE JUNHO DE MIL
OITOCENTOS NOVENTA E
CINCO NA TYPOGRAPHIA
DE FRANCISCO FRANÇA
AMADO. EM COIMBRA.







